Cinearte

ANNO VI N. 273
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 20 DE MAIO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

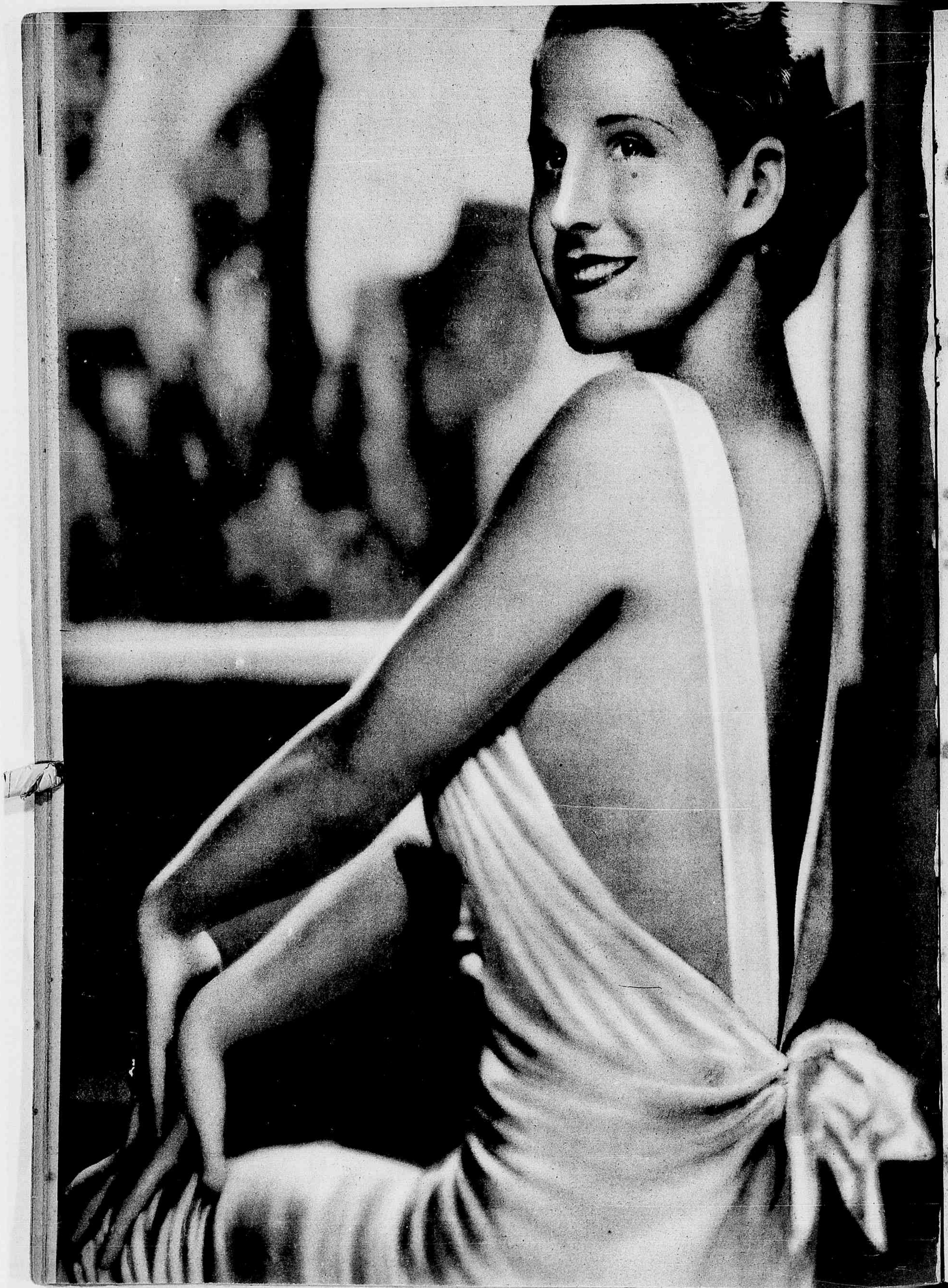
CLAUDIA DELL

CINEARTE

ANNO VI — NUM. 273

20 — MAIO — 1931

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSTITUTO NACIONAL DO CINEMA
BIBLIOTECA

JOAN . . .

ESSE film que passou com tanto successo nas tres derradeiras semanas, calcado sobre a obra famosa de Erich-Marie-Remarque "Nada de novo na frente occidental", aparadas certas scenas que bem se poderia ter poupado á sensibilidade da platéa, constitue o padrão dos films que as sociedades pacifistas deviam tomar sob o seu patrocinio fazendo-os exhibir em quantas telas existam espalhadas pelo universo.

O facto de haverem os nacionalistas allemães, esses barbaros que ainda sonham com guerras novas e novos horrores, tentado impedir a sua exhibição, mais exalta o seu valor como peça documental de propaganda contra a estupidez dos conflictos entre povos.

O poder suggestivo formidavel do film é nesse film que se revela, despertando em todos quantos lhe assistem á exhibição, um sentimento de desgosto, de horror inapagaveis, inesqueciveis.

A boa, a sã propaganda pacifista, o appello aos sentimentos de fraternidade humana acham a sua melhor collaboração em trabalhos como este, que deveriam ser adquiridos em copia por todos os governos e entregues gratuitamente aos exhibidores para a sua farta divulgação.

E assim como films desse genero careciam de ampla divulgação, outros ha que, se verdadeira censura houvesse entre nós, teriam a sua exhibição impedida.

Quero referir-me ao feito sobre essa pobre idiota, essa preta analphabeta que vem sendo explorada pelos tratantes dos parentes, uns espertalhões que estão engordando á custa da eterna paspalhice dos nossos patricios, film que se exhibiu em um dos cinemas da Avenida, o mais triste documento do nosso atrazo e da nossa ignorancia. Esse film deveria ser expressamente destruido — Imagine-se isso sendo exhibido lá por fóra ! . . .

Que eloquente depoimento em favor da nossa incultura, do nosso atrazo, da nossa estupidez !

Paiz que permitte a possibilidade de Manoelinas, Prophetas da Gavea, Lampeões, Padres Ciceros, Doutores Mozart ou Professores Neumeyer é paiz em que a civilisação é um mytho, uma burla, um engano.

E dizer-se que esse film passou por uma commissão censorial, que recebeu todos os sacramentos e começou ou, antes, continuou a exploração arrancando os nickeis dos que, não podendo ir a Coqueiros, se contentavam de ver a *sombrinha da santinha*.

Seja tudo pelo amor de Deus !

A MAIOR PERSONALIDADE DO
CINEMA MODERNO
Paramount Pictures
Maurice Chevalier
em O CAFÉ DO FELISBERTO
"Playboy of Paris"
com
YVONNE VALLÉE
sua esposa na vida real
Um film todo falado em francez, com legendas sobrepostas em portuguez, baseado na famosa comedia de Tristan Bernard, com uma variedade de lindos fox-trots e canções.
NA PROXIMA SEMANA NO
IMPERIO
DO RIO E NO
CINE
PARAMOUNT
DE S. PAULO

CARMO NACARATO, *pelo que tem feito para o Cinema Brasileiro, devia ser mais conhecido dos "fans".*

(DE ARY ROSA, ESPECIAL PARA "CINEARTE")

O "Pagé" de "IRACEMA"

Carmo Nacarato é o unico que sempre fica. E' o D. Pedro da historia... Morrem as fabricas, desapparecem os productores, somem-se os artistas: Carmo Nacarato, para bem do povo e felicidade geral do Cinema do Brasil... "fica"! Ali no duro, queiram ou não queiram.

O seu olfacto é todo sensivel ás manivelas e films ainda não revelados. Assim que sente cousa que tenha esse cheiro, mette-se, assume responsabilidades, acceita funcções as mais espinhosas e sempre sorridente e amavel, conta os prejuizos que teve com esta fabrica, os beneficios que prestou áquella outra, a responsabilidade que quasi o arruinou, quando, daquella feita, emprestou tudo quanto tinha áquella fabrica tal e tal... E leva citando cousas de Cinema do Brasil que põe a gente de bocca aberta...

Não porque tenham sido cousas formidaveis, inegualaveis, *não*. Mas porque foram cousas que elle fez num meio que era hostil ao menos bem intencionado, um meio que era todo composto de passadores do "conto" e "aguias" de todas as marcas existentes no mercado... Com todos lidou Nacarato. Com intelligentes e serios; com incultos e canalhas. Passou, em S. Paulo, os periodos mais amargos, dentro do seu ideal de fazer Cinema bom. Não esmoreceu. A "quadrilha" (como elle proprio a chama) que o ajudou a fazer um certo film foi uma que o depennou e o deixou em petição de miseria, quasi... E como este, muitos outros casos.

O seu "Pagé" em "Iracema".

Um dia, entretanto, moveram-se as cousas em outro sentido, começou a machina a rodar no seu verdadeiro sentido. Carmo Nacarato, insensivelmente já uma das engrenagens da mesma, acceitou a nova forma e incorporou-se immediatamente aos espiritos serios e á gente honesta que dahi para diante começou a metter-se pela industria. Ainda encontrou alguns tropeços, é certo, mas ahi foram de má orientação e de pouco conhecimento, o que mais ainra o aborrece, mas esses, com seu geitão pacato e amigo, foi elle removendo a seu bel prazer...

Poucos sabem o quanto elle lutou e ajudou Isaac Saidenberg na producção de "A Escrava Isaura". O seu serviço, para a Metropole, naquelle periodo, não foi apenas o de se pintar de preto e interpretar aquelle papel de escravo que Alfredo Roussy chibateava, não. Foi essa, aliás, a cousa menos importante que fez para o film. Atraz da machina é que se desdobrou, que se multiplicou em actividade pasmosa. Conseguiu todas aquellas "extras" e aquelles "extras" da scena do baile. Todos ou em grande parte. Arranjou cousas dali e cousas daqui. Ia falar com fulano, combinava as cousas com beltrano e amaciava, para Saidenberg e para Marques Filho, tambem, todo o espinhoso trajecto que os levou a ver o film na melhor sala do Cinema Odeon. E foi esse um dos grandes e magnificos successos de Nacarato.

Quando elle é illudido e não se sente satisfeito, não fala. Não se queixa, não se lamuria e nem cita nomes. Cala e guarda, no seu sorriso de boa fé, todo seu resentimento e toda sua magua. A sua theria, sobre isto, é que "tristezas não pagam dividas"... Talvez por isso é que não lhe dêm o valor que realmente tem. Mas ainda o hão de dar, com certeza.

"O Mysterio do Dominó Preto", foi outro film que deve muito a Carmo Nacarato. Seu productor, Laes Reni e sua directora e principal interprete, Cleo Verberena, aliás, não negam isso e até affirmam com enthusiasmo esta collaboração. E, como este, muitos e muitos outros films semelhantes.

"Amor e Patriotismo", que Nacarato auxiliou com seu esforço, embora sabendo que era uma realização inferior e fora dos verdadeiros principios do moderno Cinema do Brasil, diariamente acompanhava o film ás exhibições e isto eu vi em diversas occasiões.

Elle me disse varias cousas interessantes sobre Cinema do Brasil. Algumas dellas, aqui estão.

Durante a filmagem de "Escrava Isaura" com Elisa Betty e Emilio Dumas.

— A occasião é boa. Se não o fizermos agora, de vez, jamais o faremos. O problema falado, em si, resolve-se como já se resolveram outros, mais importantes. A falta de producção, principalmente para os Cinemas ainda não equipados que existem pelo Brasil afora e que vivem de "reprises" e producções de quarta categoria, precisam de films. Devemos trabalhar para essa gente! Eu tenho viajado muito e tenho observado outro tanto. Nessas viagens, sempre para assumptos de Cinema, tenho estado em contacto com exhibidores que dariam a vida por uma linha de films brasileiros e só esses pequeninos distribuidores já seriam o sufficiente para manter-se, entre nós, uma possante fabrica de films, ainda que só produzindo trabalhos silenciosos.

— E' por isso que me orgulho de já possuirmos a "Cinédia", a "Metropole" e mais alguma outra fabrica simples e pequenina que por ahi appareça, mas com boa vontade. Estas duas já têm dado provas de equilibrio e estão, produzindo. Conheço a "Metropole". Ainda não conheço a "Cinédia".

Mas da sua actividade tambem tenho tido testemunho mais do que insuspeito para ter a certeza de que será uma das nossas mais poderosas organisações de Films. Para a "Metropole" já collaborei muito em "Escrava Isaura" e, agora, para "Iracema", no qual tambem tenho um papel saliente, numa caracterização de indio, o "Pagé" da tribu.

Um dos nossos outros problemas é a quantidade. E' preciso um por mez, sim! Se é preciso. Só assim se poderá educar o publico que não faz fé em film brasileiro, porque elle vendo uma, duas e tres roducções de valor, deixa de torcer o nariz e vae direitinho ao Cinema para assistir ao film e animar as iniciativas. Os productores mediocres é que atrazam o caminho dos grandes. Um máo film é uma tacha posta na estrada. Os bons automoveis não deixam de continuar a jornada, celeres, mas a tacha serve ao menos para retardal-a, emquanto se troca outro... Outro problema é a qualidade e ainda e, ainda outro o preço. Alguem já definiu bem este caso, citando a theoria dos tres B. BBB... Bom, barato e bastante... Realmente, é assim.

Eu me metti em Cinema, precisamente ha 10 annos. Mas... para que lembrar o passado? Para que reviver uma serie enorme de lutas as mais ingratas e até privações por ellas passada?... Ha dez annos era o diluvio de escolas. Cinema não se aprende em escolas. Os melhores artistas que temos, não aprenderam em escola. Os productores de então eram as creaturas mais sem cultura e sem escrupulo que conheci. Alguns chegavam á perfeição de abrir latas de negativo virgem, para medir metros, afim de verificar se o operador e o director não o estavam roubando...

Eu sempre gostei de representação. Pertenci a grupos de amadores theatraes mas achava que ali faltava qualquer cousa que não sabia o que era até que me metti pela primeira vez em Cinema. E foi por isso que nelle fiquei, apesar de todos os revezes, apesar de todas as lutas.

— "Morphina", um film que fizemos com sacrificios, tinha o grave defeito de ser innaceitavel para o publico porque era um film só para homens. Mas dentro delle havia alguma cousa de technica bem interessante e eu, apesar de tudo, tenho saudades delle.

— Acho Maximo Serrano o mais completo artista do nosso Cinema.

— Prefiro os papeis dramaticos. São o aquelles que represento com mais animo. — O peor inimigo do Cinema do Brasil são os máos films que ás vezes elle produz pelas mãos de máos productores. No dia que este mal cessar, afogado pelas mãos

(*Termina no fim do numero*)

MADAME

(MADAM SATAN)

Film da Metro Goldwyn Mayer

KAY JOHNSON .... Angela Brooks
REGINALD DENNY ....Bob Brooks
Roland Young .... Jimmy Wade
Lillian Roth .... Trixie
E mais Elsa Peterson, Boyd Irwin, Wallace Mac Donald, Wilfred Lucas, Tyler Brooks, Lotus Thompson, Vera Marsh, Martha Sleeper, Doris Mc Mahon, Marie Valli, Julanne Johnstons, Albert Conti, Earl Askam, Betty Francisco, Inez Seabury, Rina Di Liguoro, Katherine Irving, Aileen Ransom, Theodore Kosloff, Jack King, Edward Prinza.

Director: — *CECIL B. DE MILLE*

— Eu queria uma esposa que me comprehendesse, que me amasse, que me quizesse. Mas que me comprehendesse com ardor, que me amasse com fogo, que me quizesse com volupia!!! Tu...

Riu-se amargamente, olhando-a.

— E's fria demais. E' decente demais, pura demais, correcta demais para seres esposa. Devias ser, com muito mais razão, beata...

A ironia feriu. Ella não teve mais forças para discutir. Já havia alcançado um grande abalo na sua felicidade, já se quizera retirar do lar de seu marido e della e, agora, via-o ameaçador diante de si. Intimamente, sentiu um profundo desanimo, uma pouca vontade muito grande de viver. Podia reagir, podia dizer o que sentia, o que pensava, o que entendia daquillo tudo. Mas... para que?...

— O casamento é uma academia. E's a professora mas correcta e mais perfeita... Eu... Eu estou formado, tirei diploma, chega!!!

E abruptamente, sem siquer despedir-se della com maior carinho, retirou-se emquanto lançava a ultima phrase.

— Se alguem tem que sahir, esse alguem serei eu!

E desceu as escadas. No topo da mesma, ella ficou parada, cheia de angustia, cheia de recordação da felicidade que se ia com o marido que batia a porta atraz de si...

E foi assim que terminou a vida de casados de Bob Brooks e Angela, sua esposa...

Ella sabia de tudo. Que seu marido era amante de Trixie, uma artista de "cabaret", que seu amigo intimo, Jimmy Wade, era o unico que tudo fazia para pol-o no caminho verdadeiro do bem, e no qual confiava absolutamente. Sabia disso, porque lêra o recado de Trixie deixado num cartão esquecido num bolso e nada dissera. Presenciava as bebedeiras do marido. Sentia o afastamento delle dos seus braços que tanto o queriam. E tudo isto sem poder reagir, sem ter forças para dominar a situação. Sua indole era de soffrimento continuo: acceitava aquillo com resignação, não tinha coragem para atacar de frente o problema que diante de si se offerecia.

✢ ✢ ✢

O tormento todo de Angela é Trixie. Quer conhecel-a. Seu marido dissera que era a esposa de Jimmy. Ella fingira crer. Precisava conhecer a mulher que arrebatara seu marido della. Precisava conhecel-a, para saber porque e o que tinha ella de tão fascinante e differente...

Jimmy, portanto, foi a victima da situação tremenda em que o envolveu Angela. Seguiu-o até a casa da pequena. Entrou atraz delle e surprehendeu-o antes mesmo que tempo lhe sobrasse para dizer a Trixie o que ia passar e o que se estava passando.

Depois de scenas que Angela fingia acceitar, rindo-se, intimamente, Trixie afinal comprehendeu que ella era a esposa do seu amante. E quando se vão recolher para dormir, a chegada inesperada de Bob faz com que elle entre no quarto de Trixie, julgando-a em companhia de outro homem e lá se encontrando com ella, Jimmy e Angela... coberta e escondida por Jimmy que, já quasi sem fala, nem siquer sabe como explicar. Diante da esposa, depois de serenados os animos e socegado Bob na mania de ver quem era a intrusa que estava em companhia do seu melhor amigo, diz elle a Trixie tudo o que pensa da esposa e do seu casamento. Retira-se, depois, mais socegado e diz que procurará viver feliz longe della que não o soube comprehender.

✢ ✢ ✢

Diante da sua rival que lhe sorri, escarninha, Angela sente-se humilhada. E' verdade! Ella era simples, era boa, era meiga. Aquella outra era vaidosa, cheia de genio, falsa no seu amor como no seu coração. Porque a preferia Bob?...

Enfrentam-se as rivaes. A esposa e a amante. A primeira phrase é de Trixie.

— Armaste-me uma cilada... Cahiste nella... Mas se perdeste o marido, a culpa foi tua...

Angela revoltou-se. Era o final daquillo tudo. Virou-se bruscamente para a mulher. Virou-se para ella, fel-a olhar para si.

— E que tens mais do que eu que elle te quer e não me quer?

— Tenho alma!

— E eu, acaso não a tenho?

— Fria demais. Quasi impassivel... Eu, não: dou-lhe carinhos, meiguices. Amo-o com a carne, com a vida. Tu... Com a alma, com o espirito... Eis porque o perdeste.

Era a verdade. Naquelle segundo, diante daquella mulher, comprehendia Angela que ella era absoluta senhora da razão. Relembrou seu passado. Correu os dedos cheios de recordação pelas teclas brancas da saudade... Era verdade!!! Seu marido nunca tivera um beijo de amor como sonhara ter... Era verdade! Mas a certeza de que era de Trixie a razão, mais irritada a poz.

— Verdade?... Pois vaes ver?...

E gritou, violenta.

— Vaes ver!!! E' carinhos quentes que elle quer? Beijos? Abraços? Ternuras? Não lhe satisfaz meu cora-

SATAN

ção que o quer minha alma que o adora?... Pois elle terá tudo quanto quer e... como!!! Quanto a ti, doninha...

Approximou-se bem della, atirou-lhe em rosto o desafio.

— Segura-te com toda-força no appoio das tuas artimanhas!!! Eu o vou roubar de ti, justamente usando as tuas armas... Verás!!!

Incendiada, quasi hysterica, Angela sahiu. Bateu pesadamente a primeira porta, mais ainda a outra. Trixie, só, pensou. Depois riu. Ora... Angela Brooks, esposa roubando-lhe o marido... Que graça!

\+ + +

Jimmy Wade, millionario e maluco, offereceu aos amigos uma festa no seu "zeppelin". Um deslumbramento de festa. Gente dansando. Gente bebendo. Gente beijando. Gente de todos os geitos imaginaveis e não imaginaveis... Idyllios, ventura, desgraça, tragedia numa taça de "champagne" alegria num copo de refresco... E tudo ali estava, diante de Jimmy, vivendo o sonho maluco de modernismo que elle sonhara. O bailado mais perfeito já haviam visto. O pessoal mais divertido e pandego que já se havia visto!

Depois, quando começou o leilão de pequenas, Trixie afigurou-se dominar promptamente a situação. Umas e outras iam sendo arrebatadas das mãos de Jimmy. Quando Trixie chegou, entretanto, houve um geral avanço. As offertas surgiram de todos os lados. Bob Brooks, entretanto, era quem mais offerecia pela sua moreninha... No instante de ser ella arrematada, entretanto, ouviu-se uma voz cheia de harmonia, cheia de encanto. Um rumor extranho. Depois, diante de todos, deslumbrados, uma mulher cheia de fogo e de veneno que cantava, apresentando-se...

— Madame Satan!!! "Je suis"...

Sotaque francez. Bocca rubra como as chammas do seu reinado... E um corpo de peccado, uns olhos de volupia que a mascara cobria entorpecendo ainda mais a sensação dos que a viam.

Immediatamente para ella volveram-se todos os olhos.

— Formidavel!!!

— E quanto dão por mim?...

Gritou-ella.

— Foi alvoroço ainda maior. As offertas subiram muito. Bob arrematou-a. E tendo-a já nos braços, sustendo-a como se fosse uma pluma, atirou-se á uma dansa ardente.

Travaram conhecimento. A mulher era diabolic Conhecia as almas, lia os corações... Dissera-lhe tanta cousa...

Depois chegou o momento da raiva de Trixie. Ella contemplou, paciente, todas as manobras daquella exquisita creatura. Depois, vendo-a vencedora, provocou um concurso para provar que Bob reconheceria seu beijo entre todos os outros.

— Vamos!!!

E Bob, de olhos vendados, ali, diante de todos, foi recebendo todos os labios sobre ós seus. Quando Trixie o foi beijar, entretanto, Madame Satan interpoz-se. Sem palavra, agarrou-o. Colliu seus labios nos delle. Houve um segundo de ansiedade. Todos arregalaram ali, desmesuradamente os olhos. Quando ella o deixou, elle murmurou, em brazas.

— Trixie!!!

A gargalhada foi geral. Mas Bob mais ficou seduzido por aquella mulher que assim o beijava... Quem seria? Porque beijava daquella forma? Porque mostrava tanto interesse nelle?...

Dali foram para um recanto a sós, onde elle investiu violentamente contra a ironia defensiva daquella mulher tentação que diante delle mais parecia uma onda de peccado do que outra cousa qualquer.

Mas o ataque foi inutil. Para a violencia do mesmo, havia a defeza da esquiva insinuante, a illusão passageira de um carinho que não vinha.

Desesperado, vendo que nem siquer conseguia saber quem ella era, Bob resolve desistir de a cortejar. Mas para que? Acaso seus labios não lhe haviam deixado um ferrete inapagavel sobre os seus?...

E quando a viu nos braços de outro, dansando, Bob tomou-a.

Queria-a só para si. Arrastou-a para o mesmo local onde ella quasi o endoidecera e, violento, bradou-lhe.

— Por bem ou por mal, Madame, ha de ser minha!

Ella recuou apenas o busto. Rapida, quasi colerica, arrancou a mascara. Era Angela que Bob tinha diante dos seus olhos. O seu estarrecimento foi total...

— Angela!!!

Não conseguiu dizer mais nada. Esfriou, humilhou-se... Depois, quiz reagir. Reprehendeu-a. Censurou-lhe o decote, o vestido collado ao corpo, a dança, a canção maliciosa, os modos, tudo! Até o beijo!!! Já era, novamente, o marido que se apossava de novo dos seus direitos sobre a esposa...

Mas Angela havia-o marcado bem, dessa feita. Um olhar, uma resposta, puzeram-no por terra. Mais teriam dito, um ao outro, explicando aquella situação que já era um final feliz, por si só; se uma tremenda descarga electrica; principio de tempestade; não se arremessasse sobre o ancoradouro do "zeppelin", soltando-o sem governo pelos espaços.

O panico, o turbilhão de desesperados em luta, foi unico, medonho, formidavel!!! Um milagre conseguiu salvar a todos. Para quedas que não falharam e a astucia de Bob.

No dia seguinte, todos machucados, menos Angela, encontraram-se. Isto é: Bob, Jimmy e Angela.

Ella continuou cantando. Elle, censurando. Quanto mais elle censurava, mais ella cantava. Jimmy observava...

Depois, quando se ergueu e foi exigir mais proximo satisfações, ainda zangado, recebeu um beijo. Um só. Igual ao da vespera... Ficou ali sentadinho, mudo, pregado, emquanto Jimmy, devagarinho, sahia discreto para não voltar tão cedo...

Era a victoria da esposa. A edificação duradoura de uma felicidade que não mais se bipartiria.

TESOURANDO OS NOSSOS

Maximo Serrano quer ser "camera-man"

Notas que possuem um interesse todo especial, e que os "fans" apreciam immensamente são sem duvida alguma as que relatam as preferencias de uma Marlene Dietrich, por exemplo. Ou então as aversões de uma Betty Compson, as manias de Barrymore, e assim por deante. Os "fans" acham curiosos esses artigos e sem duvida alguma este lhes interessará. Porque vae tratar das curiosidades em geral de muitos artistas, e artistas estes que serão os do Cinema Brasileiro!

Encerra notas cheias de originalidade para os leitores avidos desse genero de noticias. Vae contar os habitos, os costumes, as manias dos nossos artistas todos.

Habito num artista, é uma nota caracteristica de sua personalidade, possuindo um sabor novo e curioso. Mania, então nem se fala! Os "fans" têm um interesse por ellas, bem fora do commum. Naturalmente que num burguez qualquer, mania é a cousa mais desinteressante do mundo. Chega á ser defeito, até! Mas mania num artista... Oh! "Logicamente" torna-se uma nota de interesse, uma qualidade, e de valor duplicado!

A divinal Greta Garbo, tão formidavel e tão falada, não é ella a creatura mais cheia de manias de Hollywood?

Pois os artistas tambem podem ter seus costumes originaes, suas exquisitices e suas manias. Primeiro: porque são mortaes eguaes aos outros. Segundo: porque mania num artista é mais um "predicado" para o tornar "differente".

Pois vamos ver as curiosidades dos artistas brasileiros. Relataremos aqui alguma cousa inedita sobre cada um delles. Contaremos os seus costumes que são habitos enraizados. Seus habitos que já são manias. Manias que já são... Bem paremos aqui. E vamos começar a por o pessoal na berlinda...

Carmen Violeta será a primeira "victima" de nossa analyse. Carmen, a morena de olhos tão perturbadores que vae apparecer em *Mulher*... Anda sempre abstracta, com o olhar vago e o pensamento distante. Está em geral sempre triste, e cheia de "spleen". Tem paixão por musica, leitura, ou tudo aquillo que lhe emocione a alma e lhe disperte as recordações adormecidas de seu coração.

Tem a mania de andar sempre cantarolando em surdina, um certo tango languido e triste...

Carmen possue um coração de ouro e sua principal originalidade está sem duvida alguma, n'aquella sua voz quente arrastada e indolente. A voz mais preguiçosa, e a maneira de falar mais interessante e seductora do mundo.

Lelita Rosa, que tão querida se tornou com *Labios sem Beijos*. Pequena exotica, elegante e linda, dona de uma personalidade unica, mesmo. Lelita gosta da penumbra, de conversar comsigo mesma, com sua alma e seu coração. Tambem aprecia o silencio. Mas um contraste interessante, é que seus labios estão sempre ampliados numa linda e communicativa gargalhada!

Uma das principaes curiosidades a seu respeito é que sendo Lelita uma das mais importan-

Luiz Sorôa anda apressado e gosta de visitar museus.

Leda Léa

Cleo de Verberena

tes "estrellas" do nosso Cinema, é uma pequena boasinha sem genio e temperamento. E sua principal mania, é o cuidado com que trata de suas pestanas...

Tamar Moema, a "outra" de *Labios sem Beijos*, e a ingenua na vida. E' uma menina simples e boasinha, sempre encantadora e interessante. Foi educada num collegio de religiosas, e por isto o é muito. Nunca deixa de ir á missa aos domingos. Gosta muito de cantar, e já gravou mesmo alguns discos. E' um pouco acanhada, e sua mania é desejar interpretar papeis de "vampiro" na tela...

sentimental. Tem a mania de negar isto. Tem labios humidos, e a voz grossa e seductora. Gosta da penumbra, dos perfumes e do luxo. Tem a mania de julgar-se mal arrumada, quando veste-se irreprehensivelmente e com rara elegancia.

Alda adora as bonecas, e considera-as mesmo, suas melhores amigas...

ARTISTAS...

Gina Cavallieri, que tambem apparece em *Mulher*... está sempre risonha.

Gina é curiosa, e gosta de ler tudo o que se escreve a seu respeito. Não gosta de fumar. E tambem que ninguem a faça esperar. E' uma aversão curiosa esta que tem. Quando alguem a faz esperar muito Gina

Milton Marinho, gosta de cantar "Se você jurar"!

Humberto Mauro

Ruth Gentil, a Maruska Zaramba, presente da Polonia ao Cinema do Brasil! Foi ***Malvina***, em ***Escrava Isaura*** e tem hoje importante papel em *Mulher*... Tem a apparencia de eterna tristeza e desillusão.

Acha o Rio, a cidade mais linda do mundo. Suas praias acha estupendas. E' louca por banhos de mar, e sempre que pode está nas praias. Ruth tem o habito de andar cantando sempre melodias viennenses. Quando entra num Cinema, é para ver a fita, repetil-a, logo depois de sahir entrar n'outro, correndo assim, ás vezes num dia só, todos os Cinemas de nossa Cinelandia. E' uma perfeita mania. Outras curiosas que tem, são: Não gosta de seguir a moda. Acha os homens falsos e hypocritas. E viajar continuamente, é a maior de todas ellas. Ruth mesmo declara que deve ter sangue cigano nas veias, por ter uma mania de viajar tão grande assim!

Alda Rios, a moreninha que estrellará *Ganga Bruta*. E que tambem figura em *Mulher*... E' extremamente romantica e

sente um mal estar inexplicavel.

Aprecia muito "bibelots" e estatuetas para ornamentar sua casa. E' inimiga declarada de tristeza e monotonia. E' louca por tudo que é alegre. Sua mania principal é a dansa. Dansar para Gina é tudo! E' maniaca tambem por joias, e os brilhantes principalmente são sua paixão.

Sempre viva e irrequieta, tem um gosto que é um contraste comsigo mesma. Gosta de bordar!

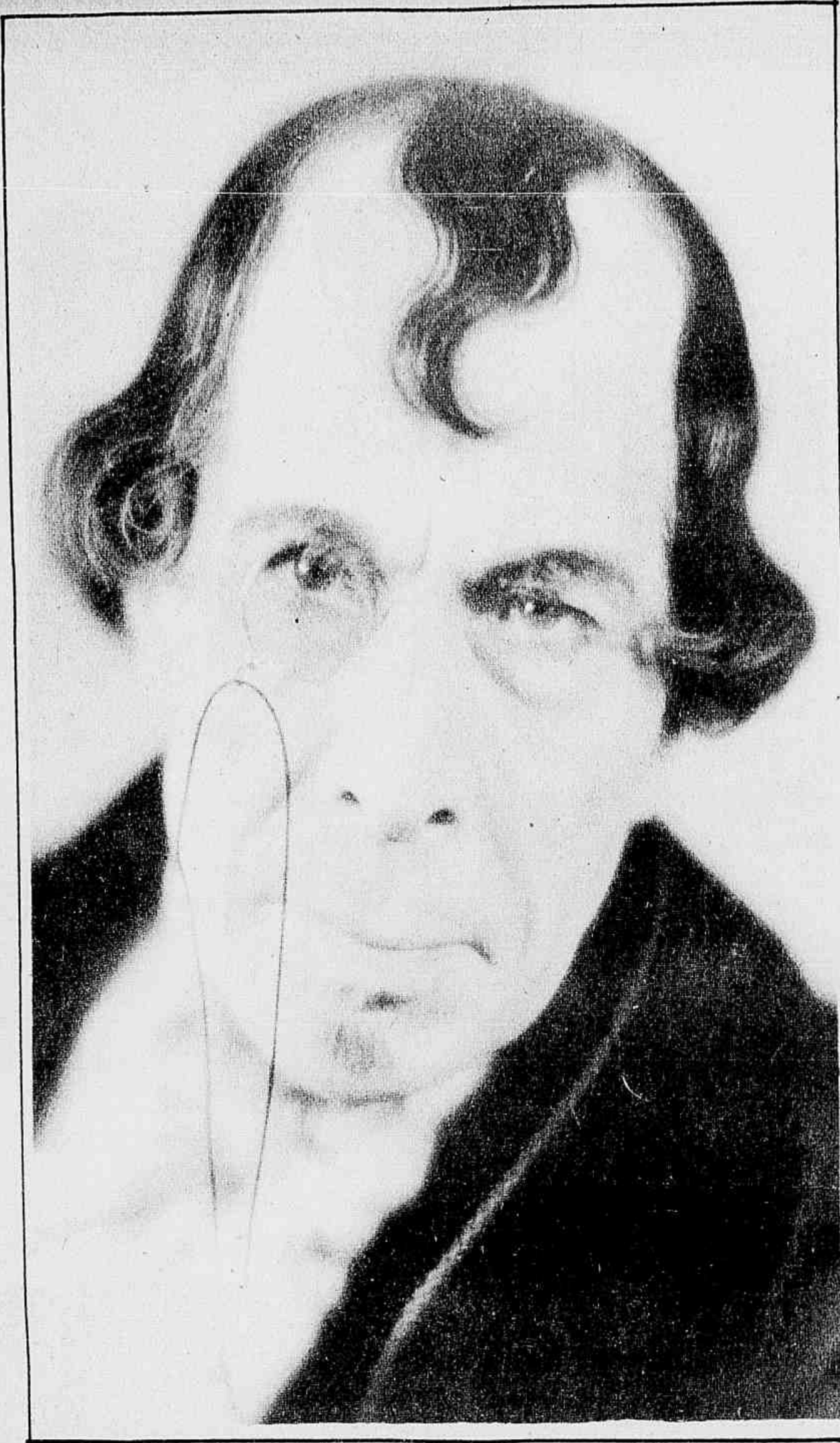
Gina Cavalliere gosta de bordar.

Irene Rudner

Eva Nil, a menina tão delicada que foi *Diva* em *Barro Hu-*

(Termina no fim do numero).

Olga Breno

George Arliss e o CINEMA

Arliss é um inglez celebre nos palcos da sua terra e da America. Já figurou em alguns films que apreciámos e é respeitado como sendo o maior vulto de todos quantos a arte já tem apresentado. Não sabemos se o publico é da mesma opinião. Entretanto, como elle deitou falação a respeito de Cinema, traduzamos algumas das cousas que disse.

\+ + +

— Os films silenciosos jamais voltarão como diversão. Fiz um certo numero de films silenciosos, entre elles "The Devil" e, igualmente, versões silenciosas dos meus presentes successos falados, *Disraeli* e *The Green Goddess*. Mas eu jamais considerei o Cinema silencioso uma arte. Sómente com a vinda da fala é que o Cinema se elevou acima do nivel vulgar onde se achava para passar a ser uma cousa realmente artistica. (O caso aqui é que nem todas as lentes eram favoraveis a elle e nem todo o publico passivo ás suas caretas e arroubos dramaticos).

Elle acha que o film silencioso é um absurdo e uma negação como arte. Que responderá Carlito a isto?... Mas vamos ouvir, antes de mais nada, a total opinião de Mr. Arliss, para depois, então, argumentar alguma cousa.

— Acho que os films silenciosos não mais voltarão. Acho isto, porque, repito, jamais foram uma arte. E não ha quem diga o contrario, sem estar trahindo as razões da verdade. Eram bonitos, alguns, realmente; em outros casos, mesmo, conseguiam admiraveis effeitos, mas nada mais eram do que uma serie de photographias animadas. Fundamentalmente, como já disse, uma diversão primitiva e atrazada. Recordemos um dos maiores escriptores de todos os tempos: Shakespeare. Recordemos, ainda, a scena do tumulo do "Hamlet". Francamente: quando a recordamos, lembramo-nos dos claros-escuros que circumdavam o tumulo, ou lembramo-nos das palavras do monologo? O monologo, é evidente! A literatura das palavras e não o film. Os versos são a nutrição de uma peça, a sua verdadeira arte! A photographia e os ambientes, mero accidente sem consequencia.

Além disso, o artista de Cinema silencioso tinha até o direito de ser cretino, porque qualquer servia. Bastava ser photogenico. Agora, não! Se um artista não tiver voz, não souber representar, realmente, não faz cousa alguma! E é por isso que todos os artistazinhos de antigamente andam cahindo tão desastradamente... (Francamente, aqui para nós, que não nos ouve Mr. Arliss: quem é melhor? John Gilbert ou George Arliss?... Gilbert, silencioso, ou Arliss, falando?...)

Não são os grandes gestos e as grandes expressões que mostram o valor dos grandes artistas. E' a subtileza da sua representação e a sua sobriedade. (Lew Ayres, de *Sem Novidade no Front*, terá tudo isto? E, se não tem, deixou de ser um esplendido artista, no film)?

O mesmo se dá em relação aos dialogos, nos films actuaes. Elles não devem marcar, absolutamente, exactamente aquillo que o artista deve dizer. Devem até dar uma certa margem para que elle encaixe o que bem lhe pareça.

Assim que o Cinema falado chegar á maxima perfeição, o resto será apenas accessorio, e correrá ás maravilhas, tanto quanto o sol segue a noite e a noite ao sol. Quando os maiores escriptores se dedicarem exclusivamente ao Cinema, imaginem só o que não lucrará o artista!!! Arliss é dos taes que pensam que um bom dialogo, bem recitado, com subtileza e sobriedade, vale mais do que uma scena bem *mostrada*, bem *photographada* e bem *apresentada*, numa nitida e legivel linguagem de Cinema... E o que dirá elle do processo dos mais modernos films falados? Não será a antiga technica do silencioso, apenas com palavras rapidas como complemento, em logar dos letreiros?

Ha prazer em dizer um dialogo bem escripto. Outro, bem grande, em ouvir. (Neste caso, o prazer é apenas reservado aos americanos e inglezes, que o comprehendem, e os seus films, pela sua theoria, passam a ser uma diversão apenas para inglez ouvir e vêr...)

Tive prazer em representar em *The Green Goddess*, porque as linhas foram escriptas por William Archer. (Antes figurasse num film *mostrado* por Benjamim Glazer!). Elle foi um grande traductor das emoções das peças de Ibsen para o inglez. Tambem aquelle que traduziu *Kristin Lavransdatter*, de Sigrid Undset, para um esplendido inglez. (Mr. Arliss, o typo do sujeito que ainda fala em Ibsen, em pleno anno de 1931, com os cerebros já tão adiantados e avançados...)

Mas não comprehendam mal o estar eu dizendo que me alegrei com o facto de interpretar *The Green Goddess*. Não quero dizer com isso, que foi meu papel preferido, não. O meu papel favorito é aquelle que estou presentemente interpretando. Faço o possivel para ser o mais *eu* dentro daquillo que estou no momento vivendo. Realmente, não tenho papel preferido. Quero a todos igualmente bem.

Este inverno não voltarei ao theatro. Não é bom para mim e nem para o publico que eu divida minhas energias. Eu, além disso, costumo dar o quanto tenho quando estou representando alguma cousa e, assim, perco muito da minha energia, depois do meu trabalho. Ha artistas que representam para os que os ouvem. E' um erro! Eu represento para mim, sentindo o papel que estou vivendo.

Booth Tarkington está escrevendo o meu proximo film e eu sinto-me grandemente satisfeito sabendo que os meus dialogos sahirão da sua penna. O meu seguinte film será *The Devil*, de Ferenc Molnar, que já representei tantas vezes para o theatro e uma vez, silenciosamente, para o Cinema. Depois disso pretendo voltar ao theatro, nem que seja para mais uma temporada apenas.

George Arliss aprecia os americanos e os americanos apreciam George Arliss. (Mas George Arliss não toma nada de Cinema e os que tomam alguma cousa não podem apreciar George Arliss!)

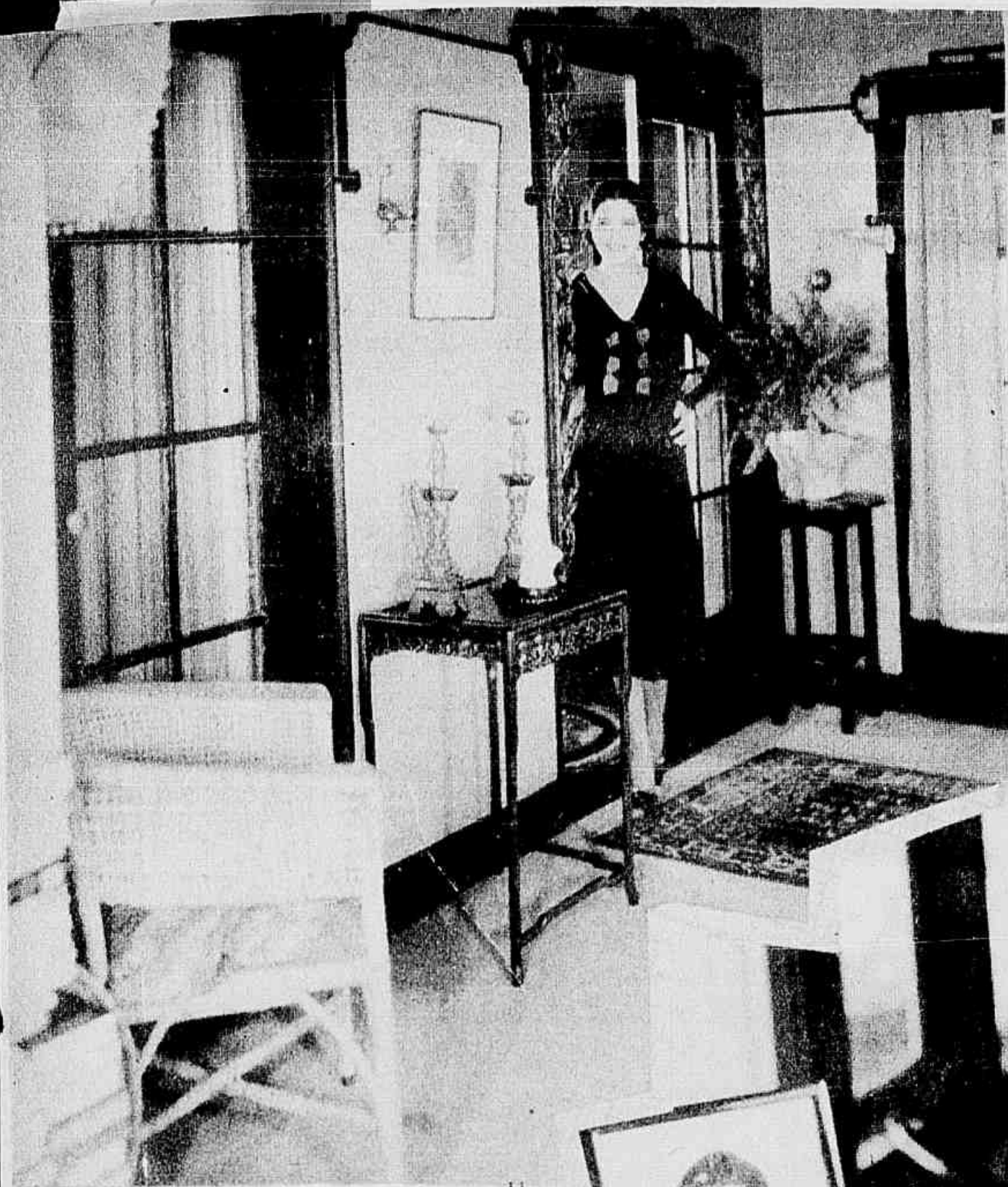
Sinto-me feliz em estar de volta aos Estados Unidos. (Pudera!!) — Ha, aqui, qualquer cousa que me dá novas energias.

Foram suas ultimas palavras. Depois disso deixámol-o e decidimos escrever estas suas opiniões, aliás pouco sensatas, em variados trechos...

\+ + +

Lost Love, da Pathé, tem, no elenco, sob a direcção de Paul L. Stein, Constance Bennett, Joel Mc Crea, Anthony Bushell, Paul Cavanaugh e Closser Hale.

\+ + +

It's a Wise Child, da M G M, é o proximo vehiculo de Marion Davies, dirigida mais uma vez, pelo Robert Z. Leonard. Marie Prevost, Polly Moran, Lester Vail, Kent Douglas, Johnny Arthur e Kames Gleason, apparecem, tambem.

ASSIM
VIVE
KAY
FRANCIS
LONGE
DO
STUDIO...
DEIXA EU
MORAR COM VOCÊ?

UM POUCO DE

Ha sempre, nas historias que contam das pequenas e dos rapazes que vêm sem interesse algum a Hollywood e conquistam enorme successo, qualquer cousa de muito ironica e mordaz. Ha tantos que vêm carregados de sonhos e de fantasias, tantos que lutam, desvairadamente, pelo successo nesta Cidade, que quando apparece algum assim, desinteressado e que vence, logo, torna-se elle um caso aparte e perfeitamente exquisito...

E' este o caso de Claudia Dell. Ella abandonou dois gordos contractos theatraes, em New York, só porque sentiu saudades da sua familia. E foi por isso que ella partiu para Los Angeles, onde residem seus paes. Durante sua carreira theatral, com Ziegfield, quer em New York, quer em Londres, jamais fascinou-a o Cinema e nem nelle chegou jamais a pensar. Hoje, pouco mais do que meio anno de estadia em Hollywood, já tem bons papeis por sua conta e, ainda, um esplendido contracto como "estrella", com a Radio-Pathé.

Claudia Dell nasceu em Santo Antonio, Texas e tem, aém da sua belleza de rosto, uma voz maviosa e linda que é um dos maiores caracteristicos da sua origem sulina e um dos seus maiores encantos, igualmente. Seu pae teve negocios no Mexico e ella, por isso, lá residio alguns annos, educando-se num collegio inglez que lá havia. A sua permanencia, lá e, ainda, em outras tantas cidades extrangeiras, mais tarde, é que lhe deram a educação verdadeiramante cosmopolita que possue e desfruta em grande escala.

A fortuna encontrou-a, em varias phases da sua vida, ora em Nice, ora em Monte Carlo ou Paris e mesmo Londres. Lá ella estudava linguas e educava-se. A sua cultura inaternacional é notavel e, bem por isso, é ella uma das mais finas e distinctas actuaes "estrellas" do Cinema.

Quando criança ella já demonstrava certa aptidão pelo palco e muito se sobresahia entre as outras crianças, pelo seu gosto pelo canto, pela dansa e pela representação.

Foi Florenz Ziegfield que lhe fez a primeira proposta financeira para ingressar para o theatro e ella acceitou com certa relutancia, mas com grande interesse. E foi por suggestão delle que continuaram, activamente, seus estudos de vocalisação.

Seu enthusiasmo, sua ambição immediata, deram-lhe, logo, uma grande opportunidade na revista "Merry Mary" que Ziegfield fez estrear em Londres. Dahi para diante, no theatro, Claudia conseguiu os maiores successos.

A luta pelo successo no Cinema, a espera á porta do "guichet" de elencos, jamais foram cousas da vida de Claudia Dell. Foi o proprio pessoal da Warner Bros. que a contractou directamente para estrellar "Sweet Kitty Bellairs" e para isto ninguem influiu e nem ella pediu o que quer que fosse.

MIN. EDUCAÇÃO E CULTURA
INST. NAC. CINEMA

Claudia Dell

Nem bem tinha ella terminado esse film e já Al Jolson, que procurava uma heroina para o seu ultimo film com aquella fabrica, contractou-a para figurar ao seu lado em "Big Boy".

Numa entrevista, logo depois disso, Al Jolson declarou que ella foi, naquella occasião, bem a resposta de uma sua "oração", tão difficil achava elle a heroina que queria e tão perfeita era ella para esse caso.

Quando chegou o momento de escolherem o elenco que devia figurar em "River's End", de James Oliver Curwood, todos foram unanimes em achar que Claudia era a unica que pel feminino e ninguem discutiu o caso. E foi assim que ella, sem o querer e sem se esforçar, conseguiu o seu terceiro importante papel com o Cinema.

Com Claudia veio para Hollywood, sempre o diz, sentiu-se feliz. Mas quem assistiu o seu primeiro film não pode negar que isto é verdade. Passar da obscuridade Cinematographica para a ponta, num só salto, é ter sorte, sem duvida...

Uma das suas maiores qualidades, uma que todos conhecem e elogiam, é a sua modestia natural, expontanea, sincera. Ella não se acha grande cousa e nem mesmo occulta, diante dos outros, esse seu proprio juizo sobre si mesma. Athleta das mais completas, nadadora eximia, Claudia jamais diz, a quem quer que seja, que sabe isto ou deixa de saber aquillo. Guarda o que sabe para si e diz, mesmo, que já é mais do que sufficiente.

Depois de ter vencido, no Cinema, quando menos esperava, recebeu uma offerta vantajosa do Radio-Pathé e acceitou-a, incontinenti, já que os films são sua ambição, presente, e que o theatro sahiu completamente das suas cogitações.

Aqui está, pois, alguma cousa sobre Claudia Dell, uma nova e formidavel loirinha do Cinema.

Claudia Dell deixcu de fazer parte da Warner-First. Passou-se para a Radio e seu primeiro trabalho, nessa fabrica, será ao lado de Lowell Sherman.

\+ + +

Tendo a Warner-First annunciado que Barbara Stanwyck fazia parte do seu elenco de "estrellas" contractadas, Harry Cohn, da Columbia, declarou aos jornaes que podia ser, na verdade, mas somente depois dos dois annos de contracto que ainda lhe faltam completar ao lado da sua fabrica.

\+ + +

"The Dude Ranch", da Paramount, dirigido por Frank Tuttle, estrellará Jack Oackie.

\+ + +

"The Secret Six", da M G M, tem o seguinte elenco sob a direcção de George Hill e com scenario de Frances Marion: Wallace Beery, Marjorie Rambeau, Lewis Stone, Jean Harlowe, John Mack Brown, Clark Gables e Paul Hurst.

MARRO

(Continuação do numero passado)

A placidez da Cidade, naquella tarde morna, era agitada, naquelle instante, pelo barulho de tambores e pelo som de musicas militares.

— A Legião ! Voltaram ! Allah seja bemdito, que agora vamos ter paz !

Pelas portas da Cidade, a banda de musica da Legião entrava. Seguiam-n'a um Coronel e uma companhia de homens com equipamento completo. E começaram a entrar as companhias, umas depois das outras, até que todas se achassem dentro do immenso pateo. Se homens cansados fossem pintados para um quadro celebre, aquelles seriam os melhores modelos, dos olhos aos pés incertos. Ali era o *oasis* que elles havia tanto vinham esperando achar... A' testa de todos, o commandante berrou:

— Companhia !... Alto ! ! !

E a mesma ordem passou, rapida, pelos labios de todos os outros capitães.

Depois della, os homens atiraram-se aos descausos supplicados ha tanto. Uns cahiram no chão, ali mesmo, para dar o preliminar descanso ao corpo derrotado. Os outros passavam cigarros entre si e ainda outros commentavam, alegres, o facto de ainda esta vez haverem regressado sem novidade e sem derrota geral, como em outros combates a *riffs*.

O Sargento, um individuo mal encarado e de nariz partido, naturalmente energia e brutalidade personificadas, cousas sem as quaes a Legião não existiria mais, gritou a todos:

— Agora escutem-me, seus coisas ! Estamos em casa novamente, comprehendem? Houve alguma luta, vocês fizeram força... Eu comprehendo perfeitamente o que é que vocês vão exigir em paga...

Olhou a todos e depois, sempre na mesma fórma, com a attenção de todos pregada nelle, continuou berrando:

— Aqui estamos, nós da Legião ! Marrocos, beije-me os pés ! ! ! Vou comer Marrocos, beber Marrocos, e... mulheres e vinhos se não quizerem pancadaria !

Fez nova pausa.

— E' isto o que pensam, eu bem sei. Mas escutem, animaes damninhos ! Enganam-se, entendem? Aqui não vae haver festa e nem farra alguma. Vocês se hão de conter, desta feita, ainda que os tenha que achatar com a coronha do meu revólver, a todos ! Vocês vão ser cavalheiros distinctos e perfeitos cidadãos civilizados, entenderam? Ouviram, não é? Pois bem: fuzilamento para aquelle que transgredir ! Agora, para a frente, marche ! ! !

A resposta de cada um foi uma só: pragas, "pernaquios", commentarios pouco respeitosos á sua distincta familia e outras cousas assim. O que todos tambem queriam, reconheciam bem, era apanhar aquella guéla entre as mãos para apertal-a até o final estrebuchamento... E, como que em recordação amarga, todos ali não se esqueciam de que "quando a vida acaba, junta-se o homem á Legião Estrangeira"... Criminosos, aventureiros de passados negros e turvos, cavalheiros de máo passado. Todos estavam ali reunidos, sob o mesmo hymno. O que os impedia sempre de dar vasão aos instinctos os mais perversos, era o "Cemiterio Disciplinar" que sempre havia ao lado de cada acampamento. Ali a regra era uma só: desobediencia, fuzilamento. Insulto, fuzilamento. Resposta má, fuzilamento. Não havia mais nada: fuzilamento, apenas... E era apenas isso que sustinha a rebellião constante daquelles caracteres tão diversos e tão unidos na sua crapulice natural... Insensivelmente obedeceram á ordem final, puzeram-se em fila e marcharam.

Um pouco mais adiante, nova ordem de "Alto". A razão era conhecida de todos. Ouvia-se, da cupula de um templo, uma voz gemida que fazia a oração: *"Allaho akbar ! Allaho akbar ! Ashhado allah ila ha illalah !"* Era uma das concessões que os francezes haviam feito aos nativos: podiam orar sem serem perturbados e todo aquelle que os perturbasse seria castigado com os rigores da lei. Deante das vistas do Sargento de ha pouco, um soldado mouro chegava-se a uma mulher e lhe pedia que fizessem o *Wazu*, acto que exigia a religião mussulmana a todos os crentes: jamais orar sem ter o corpo limpo. E, assim, depois de lavados os pés, mãos e rostos, puzeram-se em humilde attitude de concentração religiosa. Um cocheiro tambem se poz a orar. Não tendo agua, ao seu alcance, esfregou o rosto com areia, as mãos e os pés tambem, limpando-se... Depois orou.

O Sargento bateu seu *riffle* no chão. Mal podia conter a sua impaciencia e com isto pouca attenção votada aos seus homens. Um delles, ali conhecido como Tom Brown, preparava-se para um furto. E' que vira um dono de bazar preparar-se para oração e esperava apenas que elle se abaixasse, orando, para tirar-lhe o bolo que estava sobre a banca. E fez o que pensou. Depois que o provou, então, sentiu a alegria de ter ousado o furto...

Tornou a olhar em torno de si. Não estava muito distante de uma caixa de joalheiro. Immediatamente para suas mãos ageis, passaram aneis, brincos e braceletes. Sobre a caixa, no balcão, estava a filha do crente. Seus olhos fixavam-se mais nos largos hombros e nos braços fortes de Brown do que na sua oração... Depois de terem os seus olhos se encontrado, Brown atirou-lhe um bracelete. Ella o acceitou e sorriu, significativamente... Brown correspondeu e fez-lhe a saudação dos legionarios: dois dedos da mão direita em riste tocando a fronte, em seguida. A seguinte saudação, depois da resposta da mulher, foi uma serie de dedos: sete ! Marcando, a despeito da oração e do Sargento violento, um encontro para as sete daquella noite, em determinado ponto da cidade. Voltando-se, em seguida, para evitar suspeitas contra si, Brown fez uma cousa inesperada. Poz, fingindo-se distrahido, a ponta da bayonetta em direc-

COS ção á parte saliente do mercador que acaba de orar e, assim, quando elle se ergueu, espetou-se ali. soltando um grito de susto e dôr e, em seguida, uma serie de insultos em arabe.

— O que ha?

Perguntou o Sargento, approximando-se. Depois, vendo que o mercador não respondia, contemplando o roubo do qual fôra victima, desesperado, chegou-se mais a elle:

— O que ha?

Voltou-se o negociante. Louco de colera, gritou.

— Fui roubado! Dez mil maldições de Allah sobre a cabeça do desgraçado que me roubou!!! Roubado!!! Fui roubado!!! Falarei ao prefeito! Irei ao Commandante da Legião!!! Farei com que transfiram o regimento todo!!! Fal-os-hei trucidar!!!

— O que?

Interrompeu o Sargento.

— Você diz que foi roubado? E foi um dos meus homens?

Voltou-se para os seus.

— Cachorros!!! Vocês não têm, mesmo, a menor vergonha nessas caras abominaveis? Senhores... gentis-homens de meia pataca!!! Ladrões! Corja de canalhas, isto sim!!!

O rosto do sargento era uma segura prova de que era verdade tudo quanto elle affirmava... O mercador continuava lamentando-se raivosamente.

— Mas que diabo!!! Então começa a encrenca justamente quando voltamos para casa? Seus cães ingratos, eu ainda farei esfregarem essas focinheiras immundas nesta areia a todos, entenderam?...

E em parte achando-se insufficiente para resolver aquelle problema, deu nova ordem de marcha.

Assim que se poz a companhia em movimento, Tom Brown não poude deixar de se rir vastamente do pobre negociante. Atirou-lhe uma moeda, num impulso de generosidade que o trahia e viu, no mesmo instante, a mudança do seu modo de praguejar...

O Sargento é que não se sentia satisfeito com aquillo. Atirou-se a Tom Brow como uma faisca electrica sobre um para-raios. Num espirito jovial, Brown fez uma tremenda caçoada do Sargento, cada vez mais enfurecido. Aquillo, então, era uma affronta pessoal.

— O que está você fazendo com esses dois dedos?

— Nada, Sargento. Nada... até agora!

O Sargento achou melhor conter-se. Voltou para o seu posto de commando

———oOo———

Em Casablanca, a pequena de La Bessiére, no navio. tomou um carro.

— Leve-me ao Hotel.

Seus olhos cansados não queriam outra cousa senão o repouso, da solidão. Quando o carro parou, sahiu ella das suas amargas cogitações. Desceu quasi sem sentir, ainda sem sentir deu-lhe uma moeda em paga. Um Moslem, mais negro do que carvão, approximou-se della, fez a reverencia do costume e perguntou se queria aposentos. Depois da resposta affirmativa, apanhou-lhe as bagagens. Ella perguntou.

— Onde fica o mais proximo theatro daqui?

— Allah seja louvado! Não temos, aqui, a ventura de possuir um theatro. Só ha um que lhe serve para ir.

— E como posso encontral-o? Posso deixar aqui minhas malas emquanto vou até lá?

— Amaldiçoe Allah meus filhos e os filhos destes se não fôr hospitaleiro para com a estrangeira. Deixe onde quizer, sim e vamos até lá. Eu mostrarei.

O proprietario do Hotel caminhou ao seu lado diversas ruas abaixo e passou a olhal-a com especial attenção. Devia attrahir a attenção pela sua belleza em qualquer cidade Occidental do mundo, mas ao lado do seu guia preto, nada mais valia do que um camelo.

Elle a guiou até um café onde ella apenas conseguiu divisar qualquer cousa depois de passar a grossa nuvem de fumaça de cigarros e cachimbos varios e fedidos, todos, que ali havia. Moslems, Hespanhoes, Francezes, todos, em summa, ali estavam para um fim commum: procurar diversão. Passaram pelas mesas e chegaram até ao bar. Ali appareceu-lhes um homem de oculos de vidros grossos que lhes perguntou o que queriam, em arabe. Depois que viu a pequena, approximou-se solicito della e do balcão.

— Muito prazer. Em que o posso servir, senhor?

Convidou-os para tomarem assento ali, proximo ás mesas. Elles se sentaram e elle se chegou mais proximo.

— Procuro trabalho. Diversões, entende?

Disse a pequena, simplesmente, entrando logo pelo assumpto. O proprietario sorriu. Depois respondeu.

— Na Hollanda, você seria um "tiro" Mas... o que sabe fazer?

Era, ainda, a lembrança da patria distante...

— Danso e canto.

Disse ella, sem enthusiasmo algum.

— Onde cantou, antes de vir para cá?

Disse, approximando-se mais della e olhando-a mais profundamente nos olhos.

— Florença, Milão, Paris, Munich e Berlim...

Respondeu ella com simplicidade.

O hollandez surprehendeu-se:

— E'?... E onde fica sua casa?

— Onde eu estiver cantando.

Respondeu ella com frieza absoluta.

O hollandez fixou nella um olhar demasiadamente aberto para parecer calmo.

— E dansa, disse ha pouco, não é?...

Perguntou elle, e suinamente, chegou, por debaixo da mesa, seus dedos sobre os joelhos della. Uma mola não se teria erguido tão depressa. E, com a mesma rapidez, a sua mão enluvada atirou-se ás bochechas do atrevido.

— Quero trabalhar, entende?... Não vim aqui para me offerecer á si!!!

Tremia de raiva e tremia de uma forma que amedrontava. Era profunda a sua colera. Das outras mesas as attenções volveram-se para ali. O Moslem tomou-a pelo braço e levou-a para um lado. Depois sahiram. Voltaram para o hotel. O silencio daquelle negro mostrava que elle sentia e comprehendia a indignação daquella mulher.

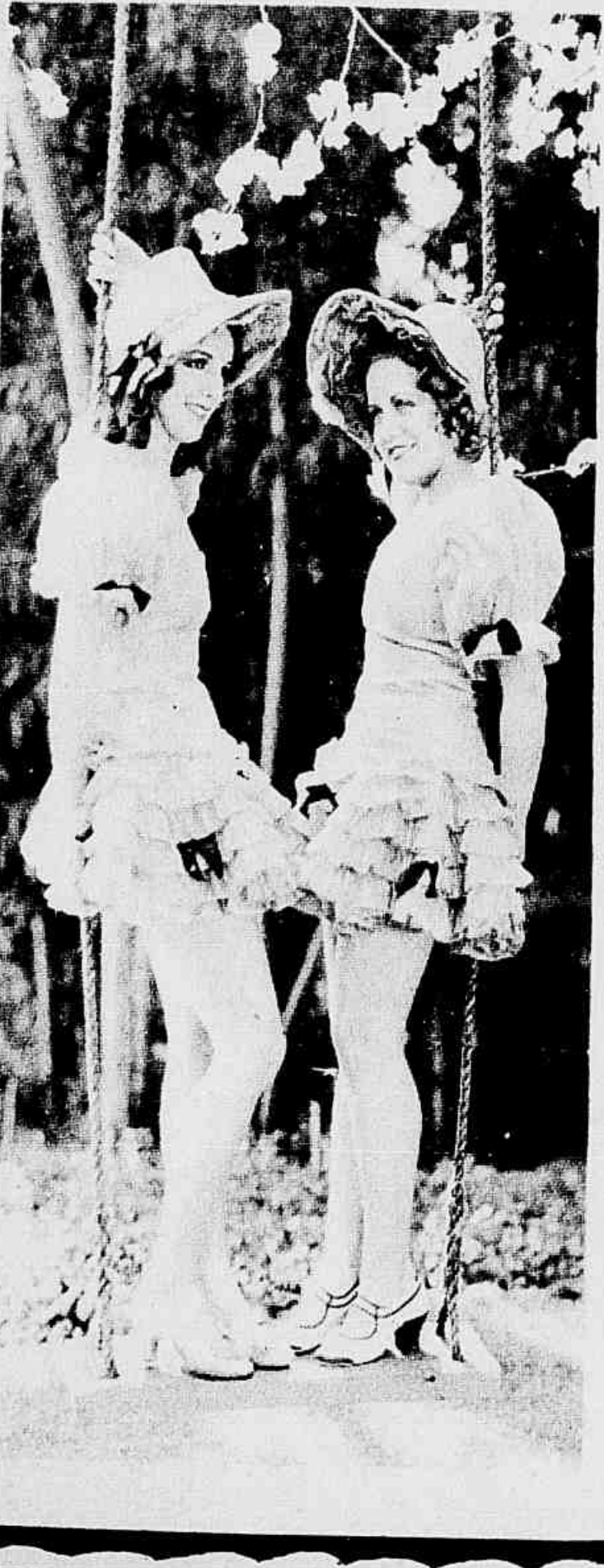
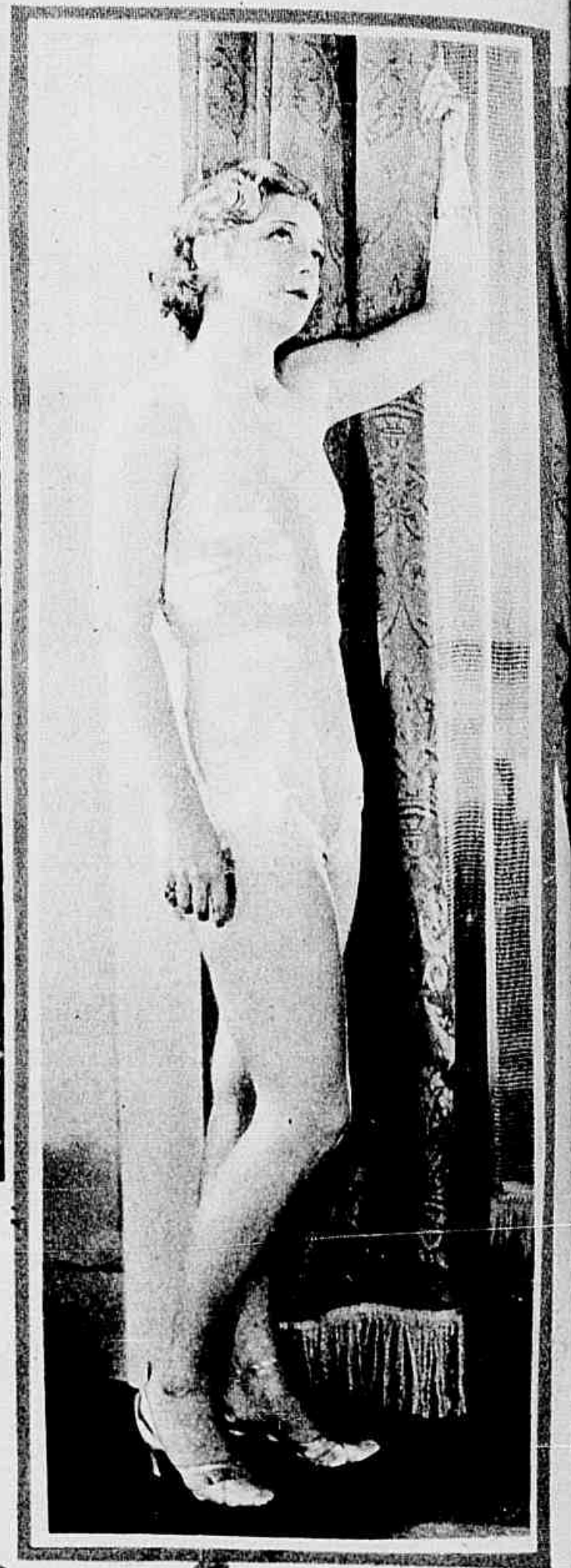
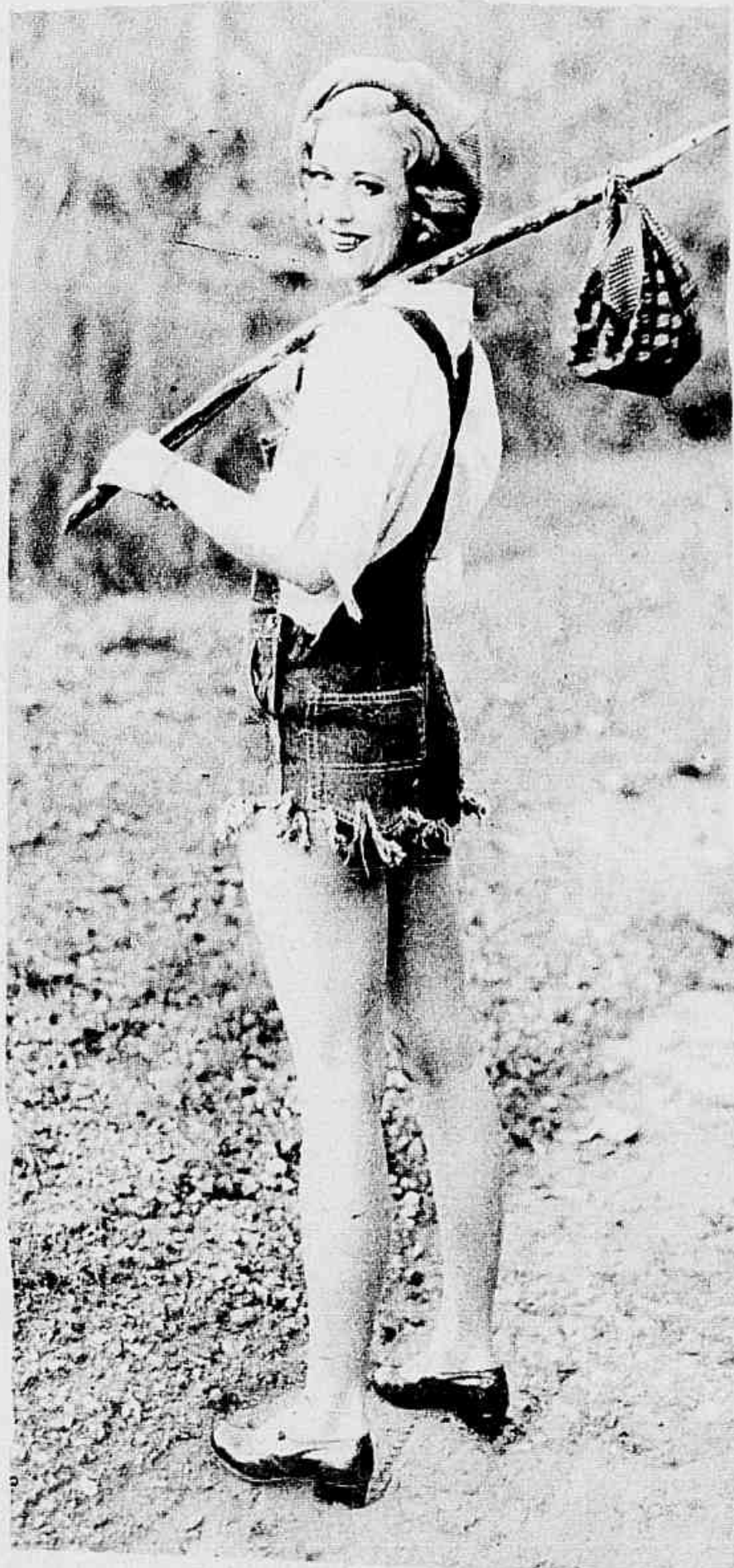
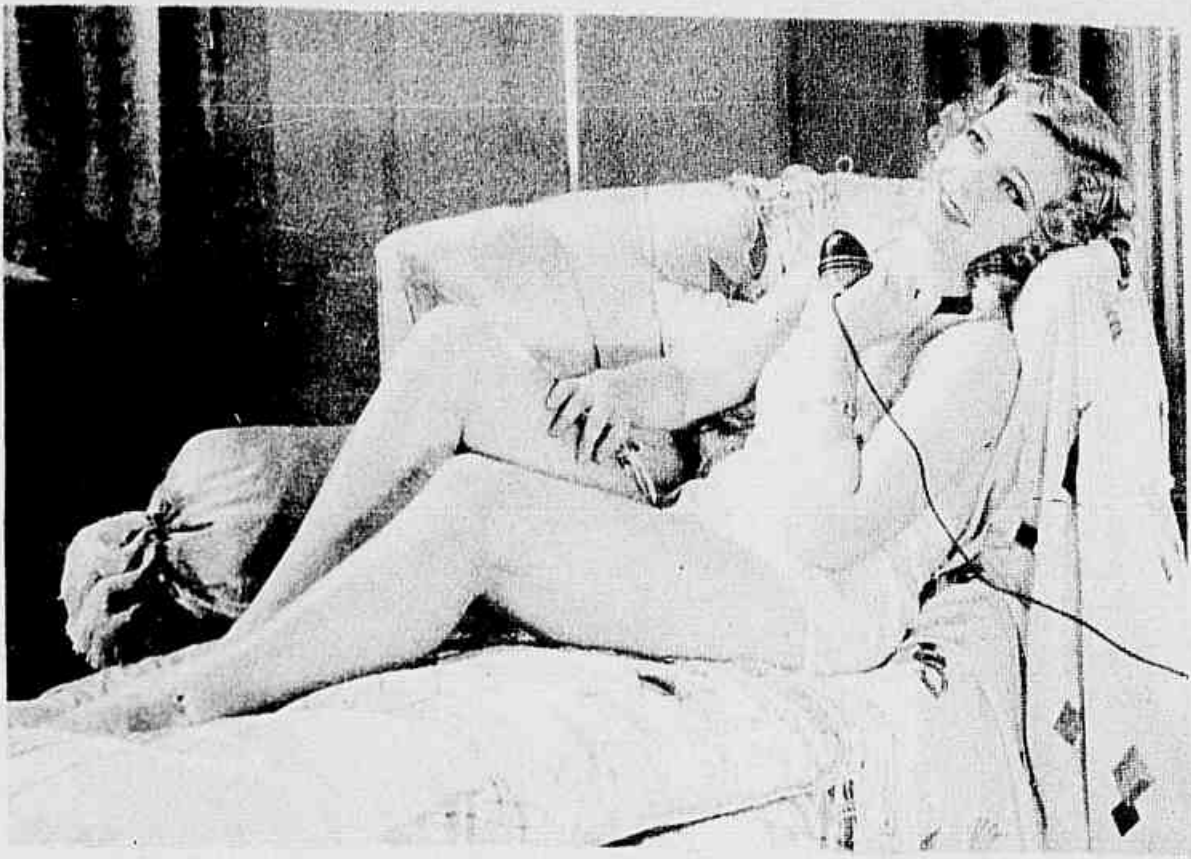
— Porcos...

Resmungou elle, emquanto, calmo, apanhava as malas della e procurava leval-as para dentro.

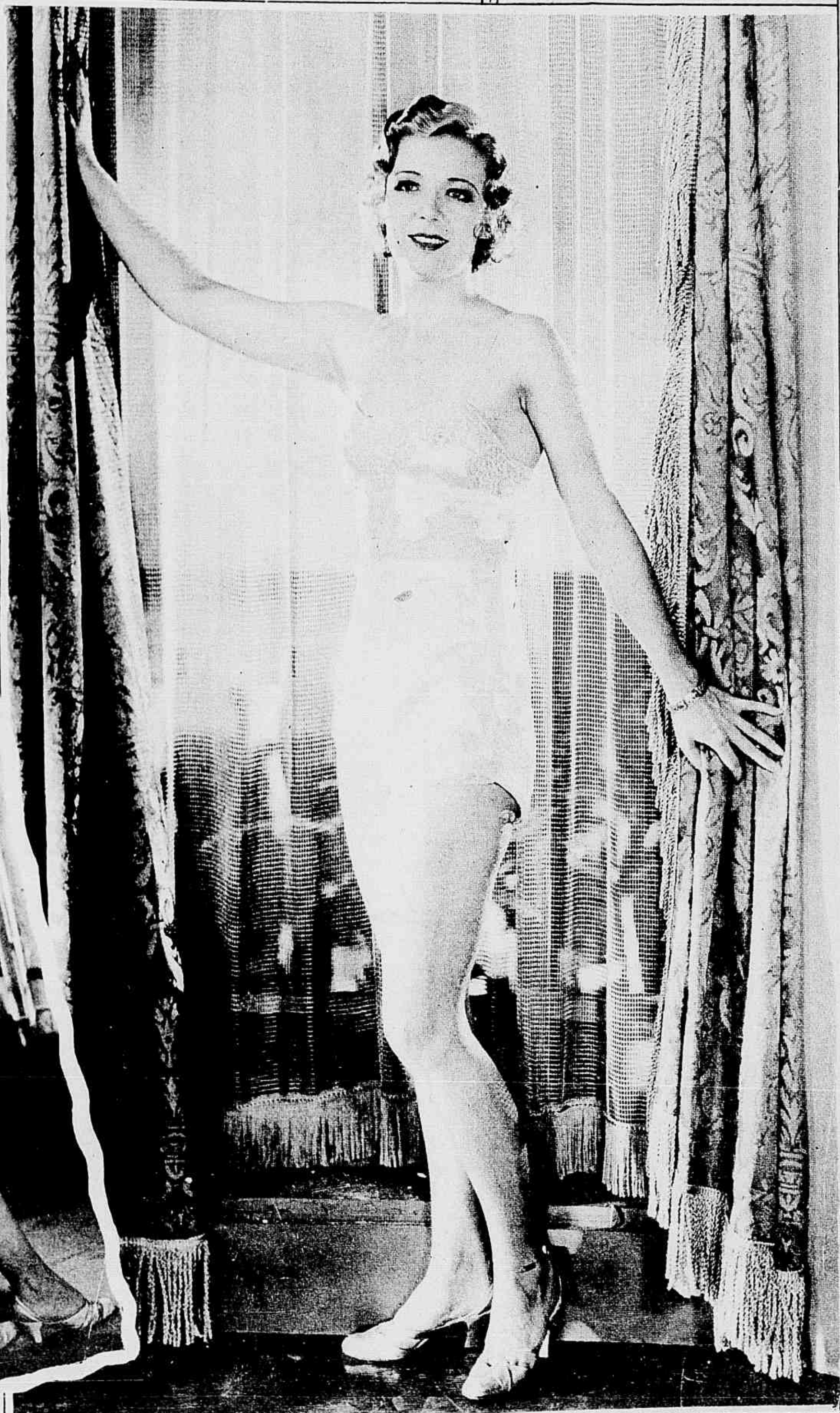
— O que está fazendo?

Perguntou ella, curiosa, achando interessante aquella attitude inesperada.

(Continúa no fim do numero).

ELLAS COMEÇAM ASSIM.
SEMPRE GOSTANDO DE
PELLES...
DEPOIS NÓS ACABÁMOS NA
PRAIA VERMELHA...

BARBARA COLLINS
E POLLY O'HARA.

JEANIE
DEANS.

Novas maravilhas da Christie...

BARBARA COLLINS.

Pergunte-me outra...

Carlito chegando a Paris.

JANNINGS — (Santos-S. Paulo) — Não aborrece, repito. Vocês todos são meus amigos e esta é a conversa mais agradavel que mantenho todas as semanas. Só me dão prazer as suas cartas, repito. A retribuição pode ser a sua amisade e já é mais do que sufficiente. Louis Wolheim falleceu em consequencia de uma operação que necessitou para a extracção de diversos dentes já em estado bastante ruim. O estado de fraqueza em que ficou é que não lhe permittiu uma reacção physica efficiente. Em *Sem Novidade no Front* elle revelou-se formidavel. Não sei o que interpreta como *set*. A sua pergunta não está clara. *The Big Trail* vem em versão original. *Criminal Code* ainda não se sabe.

AIME' ON — (Ita) — Pois é sincero, não é bondade, não. Gentilissima é você dizendo tudo isso e desculpando-se tanto de uma cousa que tem amplo direito de fazer. Tem razão quanto ao café: é tão gostoso! Aos meus pés?... Você é romantica, é?... Se você me dá esse direito de reprehender... Concordo, sim. Mas nem tudo que se mostra em *stills* é aquillo que exactamente se vê no film. Entendo, sim e até acho que você explica-se muito bem. Não merece desculpas, não: merece applausos pelos seus sensatos commentarios. Mas a idéa é tanto sua quanto nossa, Aimé e é por isso que estou consolado. Pois volte quando quizer e não se desilluda com minhas barbas brancas que eu fico triste, sabe?...

DILAHYR — (Pelotas-Rio Grande do Sul) — Aqui só ha calor, minha amiguinha... Já o temos comnosco, sim e já tomou parte em algumas scenas de *Mulher*... Tudo será regularizado em breve espaço de tempo e a contento de todos. Aqui os endereços que pede: — Loretta Young, First National Studios, Burbank, California. Emilio Dumas, aos cuidados desta redacção, que entregaremos. John Barrymore, Warner Bros. Studios, 5842, Sunset Blvd., Hollywood, California. Helen Twelvetrees, R.K.O. - Pathé Studios Culver City, Cafornia. Sempre á sua espera, Dilahyr.

C. BARBOSA — (Recife-Pernambuco) Apreciamos todo commentario e principalmente quando são sinceros como o seu. 1°. — Fará; 2°. — Acho que não; 3°. — Casou-se e retirou-se; 4°. — Porque deixou de existir o Film cantado e com canções especiaes.

DIVA — (S. Paulo) — Diva, eu já estava com saudades de você. Tem razão na zanga, sim: eu prometti, realmente, mas não tem havido tempo e por isso a remessa está demorando, sabe? Mas eu já sei que o seu coraçãozinho não guarda raiva por mais de cinco minutos... Todos, bons, sim. E o seu "album", como vae elle? Abandonou, Diva, é porque está noivo, sabe? E' provavel que esta noticia aborreça-a, mas não é melhor dizer? O outro continuará, sim. Aguarde noticias delle. Não se sabe nada aqui, tambem. Mas parece que é mais um caso desses de convencimento exaggerado e muita "garganta"... Não sabia, mas se é verdade, uma boa noticia que você me dá. Appoio o seu ponto de vista e tambem aprecio muito, sim. Você ouvirá até musicas especiaes, Diva! A sua expectativa talvez ahi não seja satisfeita... Pois escreva quando quizer. Você sabe que isso só me dá prazer.

A. DIAS CORDEIRO F°. — (Rio) — Richard Barthelmess, First National Studios, Burbank, California. Wallace Beery, M. G. M., Studios, Culver City, California. Mande apenas com 200 réis de sello, no enveloppe e até já é muito.

— Charles Chaplin? outro imitador de Carlito!

NURIPÊ BITTENCOURT — (Rio) — A razão é sua e esses mesmos commentarios nós fazemos. Mas ha de acabar, victima de si proprio, esse mal. Agradeço o recorte. Dei as informações ao Sergio. Volte sempre, Nuripê.

TRISTE ROMANTICA — (Mogy Mirim-S. Paulo) — 1°. — John Holland, presentemente sem endereço certo. 2°. — Janet Gaynor, Fox Studios, 1401, Western Avenue, Hollywood, California; 3°. — Charles Farrell, idem; 4°. — Rod La Rocque, ausente do Cinema; 5°. — Ramon Novarro, M. G. M. Studios, Culver City, California. Só respondo de cinco em cinco, minha amiguinha. Escreva de novo, sim? Escreva em Brasileiro, mesmo, griphando *photograph*. 200 réis, apenas.

Lew Ayres, a primeira figura de "Nada de novo na frente occidental", no tempo em que começou a grande guerra.

Greta Garbo muitos annos antes de fazer o film "Carne e o Diabo"...

Lia Torá, ha dez annos, já tinha a mania de Cinema.

BASTOS MORENO — (Olinda-Pernambuco) — Obrigado pelos informes, mas sahirá cousa melhor, mesmo?

A segunda "descoberta" foi infeliz, sabe?

MAURY MOURA — (Nictheroy- E. do Rio.) — Recebi, obrigado. Infelizmente não tem applicação para nós.

R. VIEIRA — (Rio) — 1°. — Em breve. 2°. — Em breve, tambem, terá todas as justas satisfações que merece. 3°. — Marlene Dietrich, Paramount Publix Studios, Hollywood, California.

RONNIE — (Aracajú-Sergipe) — Muito "gostosa" a sua cartinha, Ronnie! Tão cheia de enthusiasmo, tão cheia de delicadezas. Continue que só me agrada. *Pagão*, na verdade, foi um bom film, sim. Em breve você verá realizada a sua grande aspiração. Até logo, sim?

HOMEM DE MARMORE — (Ribeirão Preto-S. Paulo) — De nada e sempre amigo sabe? Comprehendi agora o negocio a respeito do *Cisco Kid*. Marlene Dietrich manda photographias, naturalmente. Sobre a de Bancroft, só mesmo você escrevendo a elle, Paramount Publix Studios, Hollywood, California, porque as que temos, são para publicação e não as vendemos. Volte logo.

WESMINGOS — (Sorocaba-S. Paulo) — Você é um grande enthusiasmado e um bom amigo, Wesmingos. Continue assim. Quanto á viagem que fez, realmente foi merecida. E' um grande film, sem duvida e um dos melhores. Será 11. 12, só mesmo uma cousa mais do que excepcional. Escreva-me as suas impressões sobre o film que vae assistir. Escreva-as bem como escreveu as que o film em questão lhe produziu. Aqui estou a espera.

ANDRE' MARTEN — (Rio) — 1°. — Não se sabe, mas até as outras poderão voltar... 2°. — São tres os argumentos pelo que sabemos e varios os titulos. 3.—E não são films tão falados? 4°. — Lygia Sarmento é a *estrella* do film *Alvorada de Gloria*. A outra fez um *short*. Então não sabe?... 5°. — Parece que sim, mas elle voltará. E' um esforçado.

RUDIE — (Ribeirão Preto-E. S. Paulo) — Naturalmente será ahi exhibido, sim. Carmen Violeta, *Cinédia Studio*, rua Abilio, 26, Rio. Você tenha paciencia e verá que um dia, quando menos esperar, acontece aquillo que tanto almeja.

ANATAN VALLIERE — (Rio) — Mande-me uma sua photographia e o seu endereço.

LOUIS GUEYDENER — (S. Paulo) — Boa e justa a sua critica. Mas, creia, o film que citou era mais estrangeiro do que nosso. Os erros eram conhecidos antes mesmo delle exhibido e, assim, não é possivel duvidar do fracasso. Mas, creia, já não se está tão atrazado assim e muita cousa nova você ainda verá bem em breve. Tenha sempre o mesmo enthusiasmo e animação. Isso é tudo. Até outra!

VILLEROY — (Santa Cruz-R. G. do Sul) — Ainda não se sabe e elles, mesmos, nada dizem e nem mandam dizer. E para que haveriam de fazel-o? Em breve. O galã de *Mulher*... e sua principal figura masculina, é Celso Montenegro, que já figurou em *Escrava Izaura*. Carmen Violeta é a *estrella*. Já estão promptas, sim. E' comedia dramatica. Pois você tambem, escreva quando quizer.

OPERADOR

LUPE VELEZ E GILBERT ROLAND QUANDO E' LUIZ ALONSO...

"Resurreição" em Hespanhol

MAS DESCANSEM, NÓS VEREMOS A EDIÇÃO INGLEZA.

— As pessoas, quando estão crescendo, são muito engraçadas.

Disse-nos outro dia Estelle Taylor, emquanto servia-nos o chá que fomos tomar com ella.

— Especialmente as mulheres! Ellas se me afiguram, quasi sempre, athletas sem *training*. Todos os seus gestos são conscientes, obvios, e, diga-se, isto porque apenas lhes faz immensa falta o *training* que as tornariam praticas nesse jogo de apparentar até a propria graça dos movimentos. Estavamos conversando a respeito de crescimento mental, naquelle momento, antes de tocarmos em crescimento physico. Riamo-nos, ainda, das promessas que sempre fazemos no passado e que temos que romper fatalmente nos dias presentes... E assim era o que nós conversavamos, naquelle momento, considerando as pessoas e a vida, ambientes propicios a Estelle Taylor falar, porque é uma das mais satyricas e ironicas pessoas que já temos conhecido.

Naquelle momento, diante de mim, ella estava mais linda do que nunca. Admiravel, mesmo, apesar da simplicidade quasi collegial do seu traje. Seu rosto é que é o mais admiravel que já vimos. Pela vaidade, Estelle jámais sacrificou seu proprio conforto e é por isso que nem sempre acha-se com o physico tão delgado que é o exigido pelos films. Continuamos, ahi, a nossa conversa.

— Ha cousas que as pessoas fazem, ás vezes, que só mesmo se influenciadas por forças cosmicas impossiveis de reter. E, o interessante é que nem sempre querem fazel-as. Acho, sinceramente, que é a mesma força que atira as ondas contra as areias das praias, ainda que ellas não queiram. Commigo, ao menos, tem sido sempre assim. Ha, dentro de mim, alguma cousa que ás vezes me diz: "Você precisa fazer isso!" e eu faço, faço mesmo, porque não tenho forças para me conter. Mas nem sempre eu sou eu mesma quando faço essas cousas...

— Lembro-me de um facto que se deu, exactamente depois do meu casamento com Jack. Elle queria que eu deixasse o Cinema. Passeava pela sala, de baixo para cima, como se fosse um leão na jaula — exactamente como diversos outros maridos já o fizeram dezenas de vezes e como outros ainda o farão, por muitos seculos... — e atirava-me, entre seus passos, as razões todas do seu modo de pensar. Dizia elle que eu *devia* abandonar o Cinema e que não comprehendia, mesmo, a razão da minha recusa. "Porei duzentos mil dollars á tua disposição, Estelle! Nada te faltará! Não é isto mais do que você fará com films, num anno?". Era verdade. Nem elle e nem eu jámais pensamos que eu fosse uma boa artista. Muito ao contrario, até... Mas o facto era que eu não tinha juntado a importancia que elle me offerecia, nem em dez annos de lida Cinematographica...

— Nessa noite, puz-me a pensar e cheguei á conclusão que a razão lhe pertencia. Por que, na verdade, não havia de fazer-lhe a vontade? Por que não seria apenas Mrs. Jack Dempsey? Seria vexame para mim? E experimentei. Experimentei, sempre, no meio das mais intimas e violentas lutas. Mas sentia que não podia ser. Sentia-me como se fosse uma nadadora, debaixo das aguas, quasi se afogando e lutando, lutando, desesperadamente pela vida... Eu via Estelle Taylor entrando para a sombra completa do esquecimento e tornar-se um espirito. E eu sentia que havia, dentro de mim, qualquer cousa mesquinha que me gritava, pondo-me doida: "Representar!!! Representar!!! Representar!!!". E não conseguia fugir á esses gritos.

— Não sentia, intimamente, na verdade, que eu nascera para ser artista e nem sentia, tão pouco, que a representação fosse tudo para mim, na vida. Mas eu sentia, naquelle momento, que era tudo para mim e a unica cousa que poderia o mundo offerecer-me. E foi ahi que deliberei lutar e conseguir o que eu quizesse.

— Foram os films falados que me trouxeram a grande felicidade da minha vida: cantar! Sempre adorei o canto. Ha tanta cousa subconsciente que nos passa pelo cerebro quando estamos ouvindo uma boa voz... Ha alguma cousa comparavel ao canto, para alliviar uma dôr e para desfazer uma tristeza? Só canta aquelle que é feliz e mais feliz

ainda se torna se póde cantar. Ha qualquer cousa, nisso, como que um sentimento de profunda liberdade que empolga e arrebata. Acho que é a cousa mais admiravel do mundo, mesmo.

E, por signal, Estelle está manejando com muita felicidade esta sua nova phase na carreira Cinematographica, cousa que não conseguiu antes. Estudou alguns mezes, com segurança e depois, antes de entrar para o Cinema, novamente, atirou-se a uma *tournée* com uma companhia de *vaudeville*, isto para entrar em contacto com platéas as mais variadas e perder o nervoso. Queria tambem saber, intimamente, se agradaria ou não. O resultado foi encorajador e posto que ella não se

FELICIDADE

importasse com o facto de ser ou não ser artista, voltou com mais gosto pela arte, no seu regresso. Seu professor de canto sempre a animou, demais e ella continuava num enthusiasmo louco. A sua maior ambição, mesmo, disse-me ella, era ser cantora de concertos.

— Ainda não estou perfeita e muito longe disso, mesmo. Mas eu tudo farei para conseguir o que quero, nem que isto me custe a propria saude.

Até estar sua voz perfeitamente boa, ella não quer cantar para os films. Já lhe têm offerecido varios contractos para papeis que exigem voz. Mas ella os tem recusado a todos, porque, diz, só os acceitará quando souber que não será um fracasso.

Depois, começamos a divagar sobre outros pontos da sua carreira. Falamos de William Fox e a conversa cahiu sobre a offerta que elle lhe fizera para viver o papel de *Rainha do Sabá*, no film do mesmo nome.

— Imagine! eu, *Rainha do Sabá*... O que diria minha avó desse ultraje aos antepassados?...

Disse ella a William Fox e elle lhe respondeu, aspero.

— Não estamos fazendo films para a sua avó, Estelle! Eu quero que você seja a interprete desse papel.

Estelle pensou, num segundo, o que significaria, para ella, negar aquelle offerecimento que era uma intimação. Depois respondeu, rapida, olhando bem nos olhos delle.

— Pois bem, meu caro Mr. Fox! Eu já estudei um plano: vou vender *chiclets*, vou até plantar batatas, se preciso fôr, mas não deixarei, entende?, não deixarei que me photographem quasi nua, e, ainda por cima, nessa historia perfeitamente idiota!

William Fox, apesar da sua zanga gostou do seu espirito e da sua resposta. Deixou de falar um anno com ella, mas não quebrou o seu contracto. Uma cousa, cremos, pol-o absolutamente *queimado*: foi ver Estelle, tempos depois, quasi nua, realmente, figurando em *Os Dez Mandamentos*...

— Quando decidi acceitar o papel, em *Os Dez Mandamentos*.

Explica ella, ainda referindo-se ao caso.

— Mandei fazer um vestido collado ao corpo, tambem sensual, mas que me cobria todinha. A *camera*, por onde quer que me apanhasse, não poderia ser indiscreta. Não pensei que Mr. De Mille fosse um tão grande humorista... E conseguiu fazer-me vestir quasi nada... Afinal de contas, hoje quando vejo esse pessoal ahi pelas praias, penso, seriamente, no *porque* dessa minha antiga mania. Afinal, será vergonha apparecer desnudada, num film, quando pelas ruas, tantas andam em estados ainda peores?... Ha cousas, na vida, muito mais immoraes do que uma vestimenta de *Rainha do Sabá;* por exemplo: a malicia e a immoralidade de palavras e pensamentos, cousa sempre tão bem vestida e sempre tão immoral...

Qualquer papel seduz a Estelle. Mulheres boas ou más, representa-as ella com o mesmo ardor e interesse. Mas tem achado, sempre, que a maioria das mulheres más que tem interpretado, sempre são melhores do que muitas das *santinhas* desses mesmos films... O que ella mais cuida, representando, é de tornar o papel humano.

O seu ultimo papel, foi o de *Dixie Lee* em *Cimarron,* ao lado de Richard Dix, um successo dos mais legitimos para elle, para ella, para o director e para os productores.

Antigamente diziam que ella era extremamente bella, extremamente fascinante, mas uma das peores artistas do mundo. Hoje, entretanto, sciente de que quer realmente viver representando, tem sido outra e a todos tem deslumbrado com suas interpretações.

* * *

Harry Langdon foi processado por falta de pagamento dos alugueis de sua casa e despejado num prazo de 3 dias. Uns ganham fortunas. Outros...

* * *

Parlor, Bedroom and Bath, da M. G. M., com Buster Keaton, dirigido por Edwards Sedgwick, tem, no eelnco ainda, Reginald Denny e Charlotte Greenwood.

* * *

Stepping Out, argumento de Elmer Harris, será um dos proximos films da M G M, dirigido por Charles F. Reisner. Reginald Denny e Charlotte Greenwood têm os primeiros papeis. Leyla Hyams, Cliff Edwards, apparecem.

* * *

A M G M assignou contractos longos com Neil Hamilton, Dorothy Jordan, John Mac Brown, William Bakewell, Anita Page e Lester Vail.

DIVOR

Apertaram-se as mãos como se fossem dois homens.

— Para o que der e vier.

Disse Jerry, continuando, depois.

— Eu tudo acceitarei como se fosse um homem.

Abraçaram-se novamente. Elle lhe perguntou, numa ancia:

— Quando nos casaremos? Amanhã?

— Não.

— A semana que vem?

— Papae não se importa? Eu me sinto tão feliz...

— Mas você se importaria, Jerry, você se importaria, mesmo, se eu dissesse que não?...

Durante o resto da festa, os convidados do Dr. Bernard nada mais fizeram do que approximar-se de Jerry a desejarem-lhe felicidade e bôa vida de casada. Uma linda loirinha, Dorothy, que sempre tivera uma quédazinha por Paul, achegou-se a elle e disse numa voz quente e intima:

— Bebemos?...

— Por que?

— Alegra a vida, ás vezes...

E deu-lhe um copo, atravez do qual se podia ver o seu sorriso... Elle o tomou nas mãos. Naquelle momento o pessoal todo preparava-se para o regresso, em automoveis, á cidade e Paul atirou-se a uma alegria immensa que nada mais era do que o reflexo seguro da sua magua. Apesar da insistencia de Mary, irmã de Dorothy, elle insistiu para conduzir o carro e começou a guial-o com tal furia, estrada abaixo, que Mary, angustiada, começou a supplicar em gritos que elle diminuisse a marcha. Elle não a ouvia, entretanto. Mais pisava o accelerador, mais Mary gritava e quanto mais ella gritava, mais elle accelerava, num hysterismo doentio e impossivel de soffrear.

Uma casa, uma arvore, uma ponte estreita e a manobra desesperada, inutil, que foi atirar o carro debaixo da grande arvore.

Paul foi o primeiro a ser soccorrido na catastrophe. Vertia sangue por diversos ferimentos graves. Seu braço estava partido. Mary foi a segunda que elles salvaram.

— Dorothy! Dorothy!

Poz-se a gritar, nervosa, á procura da irmã, debaixo dos destroços do carro.

— Onde estás, minha irmã? Dorothy!!! Soccorro!

Ted e o Dr. Bernard foram os primeiros a chegar a o local do terrivel sinistro. Tiraram Dorothy dos escombros.

— Ella não está...

Gritou Jerry, nervosa, acabando de chegar e atirando-se em direcção ao grupo já ali formado.

— Não. Está viva. Ajude-nos, Jerry, temos que a conduzir immediatamente para um hospital!

Replicou-lhe o pae.

— Não a olhe!

Aconselhou Ted a Mary, sem tempo de evitar que ella o fizesse.

Mary, de relance, comtemplou o rosto de sua irmã. Afastou-se, mordendo a mão, medonhamente chocada. Depois, selvagem, murmurou sem forças para berrar:

— Nunca vi cousa semelhante... E é melhor que morra, pobrezinha de minha irmã...

Quando Jerry tentou afastal-a, ella atirou-se em direcção a Paul.

— Ahi está!!! Eu pedi a você que não guiasse, maluco! Se ella morrer, Paul, você pagará, eu o juro! Canalha! Embebeda-se porque perdeu a noiva e assassina minha irmã... Ah, meu Deus, se existir um só meio que me permitta vingar isto...

Jerry afastou-a dali. Todos tinham o sufficiente daquella scena de intensa tensão nervosa.

* * *

Quatro semanas depois, celebravam-se dois casamentos.

Numa linda igrejinha, na avenida Park, o Dr. Bernard dava a mão de sua filha Jerry a Ted. Don era o padrinho de Ted. Houve **Champagne** á chegada e tudo correu na mais perfeita ordem, alegremente. Ninguem ali pensava em Dorothy, de cara mutilada, pela vida toda ou em Paul, mais soffredor pela consciencia do que pelo physico tambem ferido.

O outro casamento era o de Paul e Dorothy. Celebrava-se no hospital mesmo e tinha por unica testemunha a Mary, cruel e ameaçadora para com Paul, como se fosse a verdadeira imagem da vingança ali presente. Era o supremo sacrificio que Paul fazia, naquelle supremo instante...

DIVORCIADA — (The Divorcee) — Film da M. G. M. — Elenco:

NORMA SHEARER	Jerry
Chester Morris	Ted
Conrad Nagel	Paul
Robert Montgomery	Don
Florence Eldridge	Helen
Helen Millard	Mary
Robert Elliott	Bill
Mary Doran	Janice
Tyler Brooke	Hank
Zelda Sears	Hannah
George Irving	Dr. Bernard
Helen Johnson	Dorothy

Director: — **ROBERT Z. LEONARD.**

* * *

— Jerry, querida... Mais um... Umzinho só, sim?...

Cantou-lhe aos ouvidos a voz ardente de Ted que a segurou com mais força entre os braços e a beijou com ardor intenso. Depois, quando elle a largou, ella fingiu-se tonta, procurou apoio pelo espaço vasio ao redor de si e exclamou, num sorriso pesado:

— Por Deus, Ted!... Puzeste minha cabeça a girar, completamente tonta...

— E meu coração, marota!?... Escute-o... Bate como se fosse uma machina velha, precisando de concerto...

E poz sua mãozinha branca e sensual sobre seu coração.

— Quando foi que você sentiu que me amava?

Perguntou Ted.

— Logo que te vi, pela primeira vez...

Ted sorriu. Um sorriso de triumpho e contentamento.

— Meu torrãozinho de assucar... Mas você sabia que eu era pobre... Não o são, todos os jornalistas como eu? Mas eu voltarei ao trabalho, sabes? Hão de augmentar meu salario e em pouco tempo eu terei feito tudo para que nos possamos casar.

— Você fala, Ted querido, como se fosse casar-se com minha avó... O que fico eu fazendo, homem de Deus, emquanto estás juntando dinheiro para o **nosso** primeiro milhão?

— E você? Não me esperará?

— Esperar... Esperar foi cousa que inventou um rei do passado, que morreu sem conseguir... E' sua intenção, essa? Escuta, Ted, queremos viver juntos, não é assim? Pois bem: vivamos!

— Jerry!

— Oh, meu santarrão, não vá corar... Creia que as minhas intenções são as mais honrosas possiveis. Mas, sinceramente, não pense que eu ficarei quatro annos cosendo meu humilde enxoval, emquanto você accrescenta **dollar** e mais **dollar** ao nosso tão magro peculio.

— Vamos, Jerry, minha situação não é tão ruim assim.

— Pelo outro lado, creio, não é você nenhum Santo Antonio, pois não? Você é humano e eu tambem, Ted. Eu não quero esperar você...

— Jerry! Você fala isso com uma liberdade...

— E' que não temo a verdade.

— Ha uma coisa em si que a torna mais formidavel ainda para mim: são os pontos de vista masculinos que você tem.

— E' um dos motivos pelo qual será feliz a nossa união. O outro, Ted, é que eu tambem sei o seu lado. Eu quero continuar trabalhando. Tive um bom começo, e, juntos, pouco nos importa que seja rude ou macio o trajecto até á méta final.

De novo elle se apossou da sua mãozinha e a levou aos seus hombros. Depois, quando ella o enlaçou, bem contra seu peito, entregaram-se, ambos, a um intenso beijo de amor profundo. Uma idéa cortou-lhe o pensamento e ella afastou-se delle estendendo-lhe a mão da mesma forma que o faria um homem.

— Aperte-a!

— Como não!

— Tambem não.

— O mez proximo?

— Talvez...

— Dia primeiro, delle?...

Já temos uma semana vencida... Diga-me que sim, Jerry! Dia primeiro?... Se não responde eu não a deixo sahir daqui... Diga que sim, sim?...

— Sim...

Respondeu ella lentamente, fitando-lhe os olhos negros e sorrindo intensamente repleta de felicidade. E beijaram-se novamente. Era um diluvio de beijos. Para elles, lá fóra, o mundo era um deserto. Apenas se viam a si proprios. O restante, pouco se lhes dava...

— Vamo-nos agora.

Apressou Jerry.

— Já deve estar prompto o jantar e eu prometti a Paul que ainda o veria antes do jantar.

— Oh, deixa Paul em paz!

Exclamou Ted com certo azedume.

— Vamos, Ted, bem sabe o quanto elle é apegado a mim... Confesso-lhe, aborrece-me um pouco essa cousa.

— Mas não ha razão alguma para isso, ha?

— Não. E nem elle tem direito algum. Foi um bom amigo, apenas.

Abraçaram-se, muito agarradinhos e dirigiram-se ao aquario do Dr. Bernard, pae de Jerry. Quando alcançaram a entrada, antes do ultimo abraço, Paul, instruido devidamente para os vigiar, abriu a porta recuando em seguida, diante da attitude amorosa em que ambos se encontravam. A Jerry não possou despercebida a expressão de magua e desapontamento que toldou aquelle rosto sympathico e bom.

Don, amigo intimo de Ted, foi o primeiro a saudal-os.

— Onde estiveram? Palavra, já iamos chamar a policia... Não responda!

Accrescentou, depois da malicia perfidia, notando o embaraço em que elle ficou.

— Não responda, amigo, que tudo quanto disser ainda cahirá contra si proprio... Apenas isto: **sim ou não?**

Jerry deixou Ted e approximou-se de seu pae.

CIADA

Durante os tres seguintes annos, Jerry e Ted foram o casal mais feliz do mundo. Jerry, nos negocios progredia rapidamente, como uma das mais formidaveis e originaes propagandistas existentes, isto dando-lhe uma grande fortuna e os mais amplos e formidaveis contractos. Ted, trabalhando activamente, fizera o seu nome um dos mais conhecidos no jornalismo e isto, para elle, tambem significava conforto e dinheiro.

No dia do seu terceiro anniversario matrimonial, Jerry, occupada, não percebeu a approximação de Ted.

— Jerry!!! Felicidades e... muitas repetições para a data...

E agarrou-a nos braços, beijando-a, em seguida, ainda com o mesmo ardor, da scena inicial deste romance.

— Veja só o que trouxe para você. Uma surpresa...

E poz na sua mão uma caixa de annel contendo, dentro della, uma enorme esmeralda.

— Oh, Ted! Como você é adoravel, meu amigo! Mas diga-me: assaltou algum banco?...

— Não. Elle foi de minha mãe, Jerry. Eu ha tempos que o venho guardando para você. Tenho que ir a Chicago, agora e é esta noticia agradavel que venho trazer-lhe. Nem pode imaginar o quanto se aborreceu o chefe com este caso que me afasta daqui justamente neste tão grande dia.

— Pena, Ted. Helen e Don vêm aqui e trazem muita gente. Creio que vae haver uma festa em nossa homenagem.

— Pois acceite-a, querida! Pode celebral-a por nós dois.

— Mas você bem sabe o quanto eu tenho saudades do meu maridinho...

— E eu? Já não lhe tenho dito, varias vezes, a especie de gatinha querida e linda que você é?...

— Sim, já disse...

— E quer ouvir outra vez, não é?...

— Quero...

Beijaram-se, ardorosos.

Minutos mais tarde, Helen e Don, uma ex-esposa e varios outros conhecidos chegavam. Quando cessou a refrega dos parabens e dos abraços, Helen lembrou-se de apresentar os convidados. E voltando-se para uma mulher que estava ao seu lado, disse:

— Perdoa-me, Janice. Mas qual é o seu ultimo nome?...

A moreninha pensou e respondeu:

— Meredith, Helen... Madame Dixon Meredith, se quizer... Viuvinha disponivel e sem pretenções a novo casamento.

E riu-se.

— Encontrámol-a num **restaurant** onde estivemos, sabes? Ella nos disse que conhecia a Ted e, como estava só, trouxemol-a.

— E quem é o homem vistoso que está ao meu lado esquerdo?

Perguntou Jerry a sorrir.

— Hello, Ted!

Saudou Janice, muito intima. Ted pensou alguns momentos e cerrou as sobrancelhas.

— E conheces Bill?

Continuou Helen, sempre apresentando.

— Sim, como não?

Respondeu Jerry, sorrindo...

— Vamos, Ted, aperte a mão a Bill Baldwin. Elle é dono de Arkansas e de Texas!

E Don apresentou a ambos.

Em seguida Helen, cançada, atirou-se a uma poltrona.

— Silencio no recinto! Annuncio que para uma semana, a contar de hoje, caso-me com esse cavalheiro que disseram ahi que era dono de Arkansas e Texas. Que tal?...

— **Bôa bola!!!**

— **Bôa bola!!!**

Responderam todos, rindo. Jerry abraçou-a.

— Estarás aqui a tempo para o suicidio, Ted?...

— Certamente! Achas, então, que o ia perder? Gosaste o meu, pequena, agora chegou a minha vez...

— Ted! Ha **whiskey** lá dentro. Por que não o mistura para um **cocktail?**

— Ajudo-o!

Emendou Janice, attenta.

Assim que se encontraram a sós, Ted voltou-se para ella e gritou-lhe num sussurro aos ouvidos:

— Que estupidez é esta de me seguir até aqui e vir a esta festa?...

— Queria contemplar de perto a mulher que é o abysmo entre nós...

— E' meu anniversario de casamento, bem sabes e podes comprometter-me!

— E eu que não ouço falar de ti ha quasi um mez?

— Cala-te!

— O que é isso?... Estás assim medroso?...

— Janice! Eu tenho sido um cego, um maluco e você bem sabe disso.

— Vamos, meu amigo, não me venha dizer que é um caracter tão impolluto assim... Se eu puzer meus braços sobre seus hombros, quer apostar como cede?

E juntou acção á palavra.

— Vamos, Janice! Acabemos com isto! Deixa-te de inconveniencias!

Emquanto elle tentava esquivar-se, Jerry entrou. Acalmou-se do susto e da surpresa, rapidamente e disse, calma como nunca:

— Sente-se bem, minha amiga?...

— Muito! Nem pode imaginar quanto...

— Pois olhe, eu tambem... Ted, não esqueça o trem...

— Eu não esqueci.

— Sim?... Muito bem! Além disso, Ted, lá ao lado estão alguns dos seus amigos e mortos de sêde... Vou-me vestir, sabe?

— E' esta a pequena que faz opposição?...

Sorriu a viuvinha, assim que se sentiu novamente a sós com Ted.

— Va-se embora! Ouça bem isto!

E foram encontrar-se com os outros, no quarto vizinho. Depois disso Ted desculpou-se, deixando-os e procurou seu quarto de dormir.

— Prompta, Jerry?...

Exclamou elle numa voz que fizera o mais possivel natural.

— Maldita hora em que tenho que tomar esse trem, não acha?

— Realmente, Ted. Janice e eu vamos sentir muitas saudades suas...

— Oh Jerry!!!

Protestou Ted. Ella se encaminhou para elle e poz-lhe os braços sobre a nuca. Depois apertou o corpo ao encontro do delle, exctamente como Janice o fizera, ainda havia pouco. Procurou imitar, mesmo, todos os modos langorosos da viuvinha affectada.

— Gosta da pose, Ted?...

— Ora, Jerry, não seja tola!

— Alguma cousa eu vi no olhar della para você, Ted, que me deu vontade de a liquidar a bala! Estarei enganada?

Houve uma pausa. O olhar de Jerry perseguia-o.

— Você sabe, Jerry, que eu não mentiria!

Disse elle, afinal.

— Quer dizer que ella possuia motivos e razões para olhar você daquella maneira?...

Ted deu de hombros. Jerry, profundamente ferida, sentou-se bruscamente sobre o leito. Toda sua vida parecia ter-se sumido pela ferida que aquella situação acabava de abrir.

— Agora, Jerry, ouça! Sinto mais isto que você possa imaginar! Mas não faça barulho em torno deste caso, sabe? Você bem sabe que nenhuma mulher deste mundo vale, para mim, um simples dedo do seu pé, querida! No mundo, ao meu lado, você faz o trabalho de um verdadeiro homem. Você mesma sempre disse, Jerry, que seus pontos de vista eram os de um homem. Creia-me, Jerry, isso para mim nada, absolutamente nada significa!

— Sim, creio... Além disso, estamos celebrando nosso terceiro anniversario de casamento, não é? Bem, Ted, eu não gastarei mais tiros neste assumpto. Pensaremos nisto mais tarde...

— Direito, Jerry.

Tentou abraçal-a para beijal-a, em seguida. Seus braços retiveram-no.

— Isto tambem, Ted! Isto tambem trataremos mais tarde...

◈ ◈ ◈

A caminho de Chicago, Ted soffria profundamente aquella situação que tanto vinha molestar a sua felicidade conjugal. E Jerry, por sua vez, depois da festa que durara pouco e que ella não pudera supportar pela presença de Janice, soffria intensamente. Quando voltou para casa, trouxe Don em sua companhia. Elle estava ligeiramente embriagado e ella demasiadamente aborrecida para impedir que elle subisse até seu appartamento.

Na manhã seguinte, tocou ella a campainha do appartamento de Helen e entrou.

— Jerry, querida, entra! Vamos, o que ha? Palavra, a tua telephonada assustou-me... Mortalmente, mesmo. Tuas mãos estão geladas... Senta-te, querida!

— Tinha que ver-te. Agora... não te posso contar cousa alguma...

— Nada tens a contar, Jerry. Creio que comprehendi bem a tua telephonada. Se ao menos eu te tivesse acompanhado até tua casa, hontem á noite... Foi Don, não foi?

— Mas que differenca faz seja este ou aquelle?

— Don! Elle e Ted foram amigos tantos annos! Se ainda, ao menos, tivesse sido outro... Escuta-me, Jerry! Faze-te mulher, querida e responde-me.

— Já tenho disso o bastante, Helen!

— Tu ainda amas a Ted, não amas?

— Até este momento não pensei que fosse tanto...

E disse isto apaixonadamente, vehementemente.

— Tens uma opportunidade. Não cites este caso a mais ninguem!

— Não o posso prometter!

— Mas precisas prometter. Precisas, ententes bem?... Que pensas que Ted diria?

— Não sei.

— Jerry, vaes continuar em companhia de Ted, vaes?

Jerry deu de hombros.

— Pois então esquece tudo, querida. Não digas nada.

— Isto eu não posso fazer, Helen.

— E por que?

— Porque não. Elle me ama. Elle confia em mim.

◈ ◈ ◈

O sol da manhã entrava violento e alegre atravez da janella do quarto do appartamento de Jerry e Ted, quando elle voltou de Chicago. Jerry preparava o almoço. Nervosa, de quando em quando ella olhava para a rua a ver se elle já vinha. Finalmente viu-o saltar de um **taxi** e dirigir-se para a subida. Voltou para a cosinha e fez-se o mais calma possivel para enfrentar o marido.

(Termina no fim do numero).

MIN. EDUCAÇÃO E CULTURA
INST. NAC. CINEMA

Cinema de AMADORES

(de SERGIO BARRETTO FILHO)

"Os vossos primeiros 50 films"

Uma visita ao Jardim Zoologico

A scena de abertura num film sobre o Jardim Zoologico pode ser muito bem um **long-shot** da entrada.

Depois um **semi-close-up** de um garoto, um dos visitantes do jardim, comprando balas, doces, e bonbons.

Sub-titulo — O primeiro animal "feroz".

Mostre-se primeiro um esquilo em **semi-close-up**, e depois um **close-up** das mãos do garoto, o qual offerece uma castanha ao esquilo, que se senta, descasca-a e começa a comel-a.

Depois começaremos a mostrar, em varios **shots**, todos os pensionistas do Jardim Zoologico. O garoto deve apparecer no maior numero de scenas possivel. Cada animal deve ser indicado separadamente com um **close-up** da taboleta de descriptiva que acompanha cada uma das jaulas. Se acontecer que o amador conheça, por intermedio dos guardas, cada uma das horas de alimentação dos differentes animaes, teremos motivo para arranjar ainda uma serie de **shots** muito mais interessantes que a maioria delles. Teremos que os ursos são os mais doceis para a nossa camara. Estes acham-se sempre promptos a fazer as suas artimanhas para quem se lhes apresente armado de uma camara, e um embrulho de castanhas.

Sub-titulo — Imaginem só se ella usasse um collarinho!

Apanhe-se primeiro um **medium-shot** da girafa, e depois panorame-se o seu pescoço, desde o corpo até o alto da cabeça.

Sub-titulo — Se a gente pudesse nadar desse modo...

Varios **mediuns-shots** das phocas, cahindo n'agua e nadando.

Sub-titulo — Que vasta dentadura!

Para aquelles que conhecem um jardim zoologico, é evidente que este **shot** se refere a um **semi-close-up** do hippopotamo bocejando, como só um hippopotamo póde bocejar.

Sub-titulo — Como é que póde sentir o gosto de uma castanha?

semi-close-up e **medium-shot** do garoto, no momento em que offerece uma castanha ao elephante, o qual a leva até á bocca com o auxilio da tromba, e com essa inexplicavel delicia que um elephante parece gosar quando engole uma diminuta castanha.

Sub-titulo — O final de uma visita.

Depois dos animaes terem sido todos assim tão fielmente filmados, apanhe-se um **long-shot** do garoto, deixando o portão de entrada, com infinitos olhares de saudades para o que elle vae deixando atraz de si.

A nossa Capital

Primeiro, apanhe-se um **semi-close-up** de uma taboleta de estrada de rodagem, onde se possa lêr o nome da cidade. Depois então, se houver um ponto elevado particular, tal como uma collina ou um aranha céu, de onde se possa obter alguma vista geral da nossa cidade, faça-se um panorama desse logar.

Sub-titulo — Gostaria de visitar a nossa Capital?

Sub-titulo — Então suba para o nossa carro e vamos dar um giro aqui pela cidade.

Faça-se com que um membro qualquer da familia abra a porta do carro, e pareça ajudar a que um passageiro invisivel tome passagem no carro. A Cine-Kodak fará o papel do passageiro invisivel. Ella tudo vê, e assim será o passageiro que lhe mostrará, ao espectador, a nossa Cidade vezes e vezes seguidas.

Sub-titulo — O Centro.

Apanhem-se varios **long-shots** do que houver de mais importante no centro da Cidade, mostrando os edificios maiores e mais modernos, a estação da estrada de ferro, o edificio do Correio, o do Jury, Palacio da Municipalidade, escolas, igrejas, templos, etc. Mostrem-se esses **shots** acompanhados das taboletas das ruas, edificios e o mais que possa interessar.

Sub-titulo — O Rio.

(Em casos que nos seria impossivel prevêr desde já, este titulo terá que referir-se a um porto, uma bahia ou a um canal.)

Tomem-se varios **shots** do rio, mostrando os vapores subindo e descendo a corrente. Parando-se a camara durante um minuto ou dois e conrervando-se na mesma posição entre um **shot** e outro, obtem-se um effeito muito interessante; parece que os navios, em vez de navegar, saltam dentro d'agua como um pyrilampo.

Sub-titulo — A Cidade Velha...

Passeie-se a camara pelas partes antigas da cidade, com as suas viellas mal afamadas, mal alumiadas, e com as suas casas commerciaes sem attractivos e antigas.

Sub-titulo — ... e a nova.

A parte moderna da nossa Capital, com suas residencias modernas, jardins, parques e fontes. Não trataremos de descrever os attractivos de uma cidade moderna. O amador deve conhecel-os tão bem ou melhor do que nós. Ha tambem um ponto interessante que não convem esquecer. Em todas as cidades existem sempre esses individuos que são conhecidos por toda a população como "caracteristicos". O nosso film nunca poderá ser completo, pois, sem a presença delles.

Um mergulho na Piscina

Apanhe-se primeiro um **semi-close-up** de dois banhistas preparando-se para darem um mergulho, e apertando-se as mãos defronte da camara.

(Peça-se então a ambos que dêem uma corrida, ou por outra, umas braçadas em toda a extensão da piscina, um ao lado do outro, mas estipulando-se que um chegue primeiro á linha final, antes do outro).

De lado, e de um angulo agudo, tome-se então um **medium-shot** do momento em que ambos cahem n'agua.

Do lado da piscina, tomem-se então varios **semi-close-ups** e **medium-shots** de cada um dos nadadores, separadamente, em velocidade normal. Espere-se até que um delles volte a cabeça para olhar para o outro, e então faça-se um **shot** de ambos, apertando-se o botão da meia-velocidade. O effeito será como se segue:

Um shot de um dos nadadores nadando ao longo da piscina, em velocidade normal.

Um **shot** semelhante do outro concurrente.

Um outro **shot** de ambos no momento em que o primeiro concurrente volta a cabeça para examinar as braçadas do seu companheiro, e então começa a nadar a toda a velocidade.

Sub-titulo — O vencedor leva uma grande dianteira sobre o seu concurrente.

Apanhe-se então um **shot** do primeiro nadador, no momento em que elle se volta para dar um adeus para a camara. Parecerá que elle dá o adeus para o outro concurrente.

Alternem-se os **shots** de ambos com os **shots** do primeiro nadando a dupla velocidade. Procure-se fazer cada **shot** o mais breve possivel, mais rapido que o precedente, no ordem natural.

(Eis o effeito final: o primeiro nadador parecerá que olha apenas para o fim da piscina. Depois o segundo nadador parece dirigir uma palavra ao primeiro, quando este já começa a distanciar-se. O primeiro nadador, quasi a attingir o final, volta-se com o appello do outro, mas dá-lhe apenas um adeus e continúa nadando para vencer a corrida. O segundo nadador dobra as suas tentativas para alcançar o seu concurrente, porém perde a corrida, no final, por uma ou duas braçadas. Ninguem ficará mais encantado com este film, quando elle for exhibido, do que os proprios concurrentes da nossa "prova nautica").

Vida de Cachorro

Esta scena representará um **semi-close-up** de "Rex".

Sub-titulo — "E aqui é onde eu móro."

Um **semi-close-up** da casinha de "Rex"; uma casinha de cachorro, está visto.

Faça-se um **shot** collocando a camara apenas a alguns centimeros acima do sólo. Filme-se o "papae", por exemplo, sorridente e olhando para a camara, a qual se acha no logar que o cão occuparia. De repente, o "papae" abaixa-se e passa a mão por traz das lentes da camara. Mostre-se então o mesmo "artista" do nosso film, em **close-up**, coçando a cabeça de "Rex", por traz das orelhas.

Sub-titulo — "E esta é a minha dona... que ás vezes não approva lá muito as minhas travessuras."

Um **semi-close-up** da "mamãe", apanhado de um angulo similar, tomado com a camara no assento de uma cadeira, enquanto ella manda que Rex desça do seu logar de descanso. Mostre-se então um **semi-close-up** em panorama, durante o qual Rex corre para a porta da sua casinha com uma expressão canina e typica de rabo entre as pernas.

Sub-titulo — "Esses são os meus amigos mais intimos, embora ás vezes gostem de estrillar muito commigo."

Faça-se um **semi-close-up**, ao nivel do sólo, de uma ou duas crianças convidando Rex para que saia da sua casinha — e depois um **semi-close-up** em panorama no momento em que deixa a casa e as crianças se lançam sobre elle.

Sub-titulo — "Esta é a minha amiga, e que sempre tem um presente para me dar."

Mostre-se a cosinheira, chamando Rex da porta da cosinha. Depois, mostre-se a sua mão segurando um osso, que apresenta suggestivamente ao cão. Rex pula os degráus da escada com aquelle enthusiasmo vigoroso de um verdadeiro cão, abocca o osso e desapparece no interior da casinha.

Sub-titulo — "Afinal de contas, uma vida de cachorro não é tão ruim assim..."

Tome-se um **shot** de Rex, emquanto elle está dormindo no quintal. Aponte-se a camara para o cão, mas ás avessas, isto é, de cabeça para baixo, e acorde-se o cão gradativamente. Elle provavelmente acordará de vagar, estenderá as pernas, e depois levantar-se-á, andando muito de vagar em direcção ao operador. Tire-se esta scena ao contrario quando fôr projectada. **Rex** parecerá que faz o mesmo, porém ás avessas, e vae deitar-se para dormir!

As férias do titio

O nosso **shot** de abertura póde ser um **semi-close-up** de nós mesmos, lendo uma carta do titio na qual elle acceita o nosso convite para vir passar uns tempos comnosco.

Depois, mais alguns **semi-close-ups**, nos quaes apparecemos preparando o quarto dos hospedes.

Sub-titulo — A caminho.

Um **shot** de um trem a toda velocidade. Este **shot** póde ser tomado mezes antes, ou mezes depois. De qualquer modo, sempre com a camara a um angulo agudo.

(Termina no proximo numero)

Roberto Rey

DIZEM QUE CANTA MAIS DO QUE O CANARIO...

A tela em revista

JOAN CRAWFORD

FANTASIAS DE 1980 — (Just Imagine) — Film Fox — Producção de 1930.

O mundo em 1980. Se fosse feito pela Ufa e Fritz Lang, tivesse sido o director, já sabiamos o que era: um segundo *Metropolis*, sem duvida. Mas feito pelos americanos, David Butler dirigindo e El Brendel, Marjorie White, Frank Albertson e John Garrick, não pode deixar de ser o que é: uma pandega em varios actos.

Ha momentos no film, bem interessantes e outros, de tão absurdos, monotonos e sem o menor espirito. Mas, em compensação, outros, como El Brendel e a pillulas, El Brendel e Ivan Linow, El Brendel e aquella pequena que lhe quer mudar a roupa e o final, que são verdadeiras gargalhadas. Os trechos entre estes é que atrazam o valor do mesmo. E' uma fantasia por demais absurda, mas tem momentos engraçadissimos e dois os tres bons numeros de bailados.

Maureen O'Sullivan e John Garrick é que perdem tempo e estragam a comedia do film com um pretenso drama. Kenneth Thompson, então, nem se fala... As scenas no planeta Marte podiam ser muito mais exploradas e melhores.

Argumento de De Sylva, Brown & Henderson. Operador, Ernest Palmer. Miniaturas bem feitas, umas, mal feitas, outras. Aquella scena em que John Garrick olha pelo telescopio, em Marte e vê Maureen O'Sullivan cantando, na terra...

Cotação: — REGULAR.

NOIVAS INGENUAS — (Our Blushing Brides) — Film M. G. M. — Producção de 1930.

Repetição do thema de "Garotas Modernas". Como todas as repetições, peor do que o original. Apesar disso, entretanto, *Noivas Ingenuas* tem varios trechos de valor e alguns bem agradaveis, mesmo, como aquella seducção que Robert Montgomery move a Joan Crawford, naquella sua casa ultra-moderna e, outra, a da morte de Anita Page, intensamente dramatica.

O film é esplendido tiro de bilheteria, sem duvida. Joan Crawford apresenta-se fascinante como sempre, perigosa, como nunca e maliciosa como jamais esteve. Harry Beaumont sabe tirar della os melhores partidos para enfeitiçamento do publico. Que *close ups* aquelles seus, na scena da seducção acima referida!!!... Maravilhosos! E por falar nisso, o "it" que aquella sequencia tem!...

A "parada" de modas é exhaustiva e ha alguns trechos muito extensos e aborrecidos pelo excesso de dialogos.

Robert Montgomery e Raymond Hackett, os dois galãs do film, isto é, o galã e o apaixonado de Anita Page é villão, tambem, estragam o film. Aborrecidos pouco photogenicos e teressantes do film. A de Anita Page, sim, é nada agradaveis.

Anita Page, muito bem, assim como Dorothy Sebastian. Aliás, diga-se, a historia amorosa de Dorothy com Jean Miljean é uma das menos interessantes do film. A de Anita Page, sim, é bonita e suavemente dramatica.

Hedda Hopper, Alberto Conti, Martha Sleeper, Gwen Lee, Mary Doran, Catherine Moylan e algumas outras, figuram.

Um film principalmente agradavel para aquelles que se dão á arte da malicia e do sophisma.

Argumento de Bess Meredyth com dialogos de Edwin Justus Mayer. Merritt B. Gerstadt operou.

Cotação: — BOM.

MULHER A BORDO — (Derelict) — Film Paramount — Producção de 1930.

O film chamava-se *Rolling Down to Rio* e os dialogos tocam constantemente no Rio, no Brasil e nas bananas, unica fruta que elles realmente sabem que aqui nasce e dá em grande quantidade. Ha uma cidade, a de Orambo, no film, que faz suspeitar que seja um dos portos do Norte Brasileiro, mas que não dá disso a certeza, por causa de certas taboletas em hespanhol que tambem se leem pelas paredes das casas desse mesmo logarejo que neste film é mostrado. Mas as referencias que os heroes fazem ao Rio são as mais honrosas possiveis, inclusive dizer Jessie Royce Landis, a heroina, que aqui pagam-se bem as artistas de *cabaret*... Não ha insultos e nem maus juizos. Ha, isto sim, uma ignorancia geographica notavel, aliás defeito quasi usual nos povos civilisados...

E' um film regular. Tem momentos bons e os tem acceitaveis. Não é nada que arrebate e nem que enleve. E' um film que explora a constante briga de dois homens rivaes — assumpto já explorado de sobra e a vida de uma mulher americana, mais ou menos decente, que acaba se tornando esposa do heroe Bancofrt. Mas ha alguns episodios agradaveis, como o principio, todo, até ao embarque de Bancroft, como capitão do "Cross Wind", depois daquella scena gosada no gabinete de Thomas Jackson e mais algumas outras, com a da luta que Bancroft e William Boyd (do theatro) têm e que termina com a permanencia delle em Orambo, victima de uma trahição e uma vingança. O final é mais uma tempestade em alto mar e mais alguns actos de bravura. Isto é: **o final é o casamento dos heroes com o villão servindo de padrinho...**

Diverte, sem duvida e não cansa. E' um film rapido e cheio de situações que interessam. Podem-se assistir sem susto.

Argumento de William Slavens Mc Nutt e Grover Jones. Scenario de Max Marcin. Operador, Archie L. Stout.

Rowland. V. Lee dirigiu o film com naturalidade e sem esforço.

Cotação: — REGULAR.

GENTE DO AMOR — (The Life of the Party) — Film Warner Bros. — Producção de 1931.

Havia, na semana, um film com um desfile de Modas, *Noivas Ingenuas*, fazia-se necessaria uma pequena concurrencia: eil-a, *Gente do Amor*, com um desfile, tambem... Além disto tudo, um mau film. Mau, porque está mal gravado e apresentado com uma photographia bastante ruim: da copia ou do original, mesmo, não se sabe. Houve uma versão silenciosa, ha tempos, feita pela mesma Warner e dirigida pelo mesmo Roy Del Ruth. Chamava-se *Viuvas Alegrissimas* e tinha Louise Fazenda no papel de Winnie Lightner e Jacqueline Logan no de Irene Delroy. E era melhor, diga-se.

Charles Judels, num papel de modista francez, nervoso e extremamente neurasthenico, salva o film. Elle vale o preço da entrada! Engraçadissimo, particularmente na scena em que quebra os moveis todos do quarto e, depois, arranca a casaca toda de William Irving, que o acompanhava...

Winnie Lightner, ás vezes engraçada, outras exaggerada, não agrada e nem desagrada. Irene Delroy desagrada, francamente. E' feia, pouco photogenica e nada agradavel. A menos que a photographia a tenha prejudicado immenso! Jack Whiting é um galã assustador! Salve-nos Deus de outra demonstração... Charles Butterworth, num papel de idiota, tambem tem momentos a seu favor. John Davidson, como alfaiate-caça-dotes, insupportavel!

Argumento de Melville Crossman. Scenario de Arthur Caesar. Dev Jennings, operou.

Cotação: — REGULAR.

O BARQUEIRO DE VOLGA — (The Volga Boatman) — Film da P. D. C. — Producção de 1926 — (Programma Matarazzo).

Exhibido em S. Paulo em principios de 1927, sómente agora nos é dado ver este trabalho de Cecil B. De Mille, prohibido pela censura do governo anterior.

Para ser analysado, convenientemente, *O Barqueiro do Volga* precisa ser considerado tal qual é: um film de 1926. Um film de 5 annos passados. Com atrazo de technica, naturalmente, e com outros defeitos congeneres. Assim é que o pretendemos analysar.

E' a Russia de De Mille. O bolchevismo de De Mille. O communismo de De Mille. E dentro de todos os seus caracteristicos ambientes de belleza, gosto e esthetica. Cecil, aliás, é um dos raros directores que só cuidam da belleza, nos seus films. De *Vassalagem* para deante, De Mille só tem feito trabalhos de bilheteria, todos o sabem. *Barqueiro do Volga* não foge á norma dos seus trabalhos: é um film popular, bonito, enfeitado com todos os recursos naturaes aos seus films e cheios desses pequeninos nadas de esthetica e bom gosto que são o majestoso templo de bom gosto que é o genio directorial de Cecil B. De Mille.

Não ha, neste film, o russo immundo, visivelmente mal cheiroso e nojento, dos films realistas, europeus. Ha o russo bonito, barbeado, elegante, photogenico. De Mille não se importa com a effectividade da historia. Elle o quer, apenas, é o effeito bonito da gente que mette em scena e das scenas que dirige. *O Barqueiro do Volga*, neste particular, é esplendido. Os proprios furores da revolução, De Mille mostra-os com sobriedade de realismo e sem a repugnante realidade que todos os *snobs* querem para a arte e elle não dá só para não afastar dos seus trabalhos o cunho profundo de *entertainment* que elles têm.

William Boyd, sympathico, é heroe de todas as façanhas. As suas aventuras amorosas com a princeza Vera são agradaveis, emocionantes e lindas, algumas dellas. A scena em que ella faz a cruz no peito para que elle não erre o alvo, é bonita e está muito bem feita. De Mille conhece profundamente o seu *mettier*. Sustenta um *climax* como poucos o sabem sustentar e maneja até o bolchevismo infrene com suas redeas de ouro e seu chicote de sentim...

Elinor Fair, ha tanto tempo desapparecida e que neste film, aliás começou o seu romance com Bill Boyd, aliás já terminado em divorcio, é uma princeza soffrivel. A peor do elenco, pode-se dizer, tanto mais consideran-

do-se que o film é todo elle majestoso e com o principal caracteristico do seu director: o movimento de conjunctos e as scenas portentosas, cousas que são unicas para tirar a attenção do publico até de uma má artista.

Theodore Kosloff e Julia Faye têm dois bons papeis. Arthur Rankin apparece e morre, naturalmente. Robert Edeson, bem. Charles Clary como chefe communista, uma boa *bola*. E' verdade, sabem que elle morreu?

O detalhe dos pés comparados a patas de elephantes, a luva aristocratica comparada ao pulso brutal de um ferreiro, são bons. Os seis minutos de vida. O "façam com as mulheres delles o que elles fazem com as nossas". Os aristocraticos puxando a barca, *Volga* acima e muitos outros, merecem ser citados. O final é que é forçado e exclusiva bilheteria.

A photographia é esplendida e pertence a Peverell Marley, Arthur Miller e Fred Westerberg. Scenario igualmente bom de Lenore J. Coffee. O argumento é de Konrad Bercovici. Victor Varconi, esqueciamo-nos, tem um dos bons papeis, igualmente, como Principe Dmitri. Cino Corrado e Eugene Pallette tambem apparecem.

Cotação: — BOM.

A TRAGEDIA DA FAMILIA REAL DA SERVIA — (Programma Marc Ferrez).

Este film é uma producção abaixo de qualquer critica e que nem sequer o direito de ser exhibido num Cinema da Avenida deveria ter. E' uma producção austriaca — crêmos — de ha uns 20 annos e pessimamente representada, dirigida e scenarizada — se é que se possa chamar á *aquillo*, scenario.

Magda Sonja, com um physico de quasi 100 kilos, é a heroina. Nerz Leiter e Norfolk são os outros.

Admiramo-nos, francamente, de duas cousas: coragem de importar ou *desmofar* das prateleiras um film assim e, segundo, de exhibil-o que ainda é peor.

Cotação: — PESSIMO.

O PEREGRINO DAS MONTANHAS — (The Drifter) — Film da F. B. O. — Producção de 1929 — (Programma Matarazzo).

Mais um Tom Mix para a F. B. O. Não vale nada e nada tem de superior aos outros films fracos em que tem figurado. Dorothy Dwan, Barney Furey, Al Smith e outros, figuram. A direcção de Robert De Lady, fraca. Argumento de Oliver Drake e Robert De Lacy. Scenario de George W. Pyper. Operador, Norman Devol.

Cotação: — MAU.

A FERRO E FOGO — (Texas Cowboy) — Film da Syndicate — Producção de 1930 — (Programma V. R. Castro).

Film commum dirigido por J. P. Mc Gowan e tendo Bob Steele no principal papel. Edna Aslin é a pequena. Ha algumas scenas que fazem as platéas "populares" vibrarem.

Cotação: — MAU.

Joan Bennett e Ian Keith fizeram annos a 27 de Fevereiro.

David Manners assignou novo longo contracto com a First National.

Ned Sparks escreveu os argumentos dos 6 proximos *shorts* comicos que vae fazer para Louis Brock, distribuidos pela R. K. O.-Pathé. Mark Sandrich dirigirá.

A M. G. M., renovou o contracto do director Carlos Borcosque, das versões hespanholas. Elle dirigiu as de *Madame X* e *Cheri Bibi*. Não gabamos o gosto deste contracto. *Olympia* e *Ladrão Irresistivel* são duas ameaças que ainda persistem...

Louis King, que dirigiu alguns films de Buck Jones, para a Columbia, vae dirigir um argumento sobre o *underworld*, para a mesma fabrica.

Josephine Lovett assignou um longo contracto com a Paramount para escrever exclusivamente para ella. Uma boa acquisição. *Stepdaughters of War* será o primeiro trabalho seu e vehiculo para um dos ultimos films de Ruth Chatterton. O ultimo argumento que ella escreveu e scenarizou, foi *Corsair*, para a United Artists, vehiculo para um film de Chester Morris.

Edwina Booth reformou seu contracto com a M. G. M.

Wilhelm Dieterle, que a Warner trouxe da Allemanha para dirigir versões allemãs e interpretar algumas, vae, agora, dirigir versões originaes. *Spent Bullets*, com Richard Barthelmess, será a primeira.

Harry Beaumont, Alan Hale e Roy D'Arcy fizeram annos a 10 de Fevereiro.

Existem 1.327 Cinemas no Japão.

Ronald Colman, James Murray e Dan Mason fizeram annos a 9 de Fevereiro.

George Fitzmaurice, Howard Bretherton e Kate Price, por suas vezes, anniversariaram-se a 13 de Fevereiro.

Put on the Spot, da R.K.O.-Pathé, será dirigido por Harry J. Brown e terá Lily Damita e Ricardo Cortez nos principaes papeis.

O Canadá tem um total de 1.100 casas de exhibição. Dellas, 50% não têm nada sobre apparelhos falados.

Monta Bell e Russell Gleason fizeram annos a 5 de Fevereiro.

Una Merkel assignou contracto com a Fox.

Ben Lyon e Ramon Novarro, fizeram annos a 6 de Fevereiro.

Adolphe Menjou, idem, a 18 de Fevereiro.

O dia em que nasceram J. Harold Murray e Mary Brian, foi a 17 de Fevereiro. Chester Morris a 16. Dorothy Janis, a 19.

Depois de tomar parte em *Women of All Nations*, Edmund Lowe figurará em *The Spider*, da Fox, dirigido por Allan Dwan.

Depois de longa ausencia, doente, Lila Lee regressa novamente ao Cinema.

Ainda existem 1.183 casas de film em New York que não tem apparelhos para films falados e que exhibem apenas programmas silenciosos.

Pola Negri foi realmente contractada pela R.K.O.-Pathé para uma serie de films. Deverá chegar á California em Maio.

O "Pagé" de Iracema

(FIM)

dos bons, cessará ahi a repulsa contra o Film Brasileiro e o publico applaudirá incondicionalmente. Não posso crer que sejamos um povo sem patriotismo, sem alma! Não posso! O problema da producção má é que afasta o publico das platéas e esse problema sómente os bons films poderão vencer. Mas ainda estamos no principio. Por que desanimar? A victoria é certa. Desconfiar della, é desconfiar do valor do nosso proprio povo. Eu não descreio.

Foi tudo quanto elle nos disse. Deixámol-o, em seguida, para que se preparasse e se *maquillasse* para a scena que ia representar, em *Iracema*. Deixámol-o entretanto, com confiança de que haviamos falado com um elemento de valor. E, realmente, dentro do Cinema do Brasil, persistente e tenaz, honesto e sincero com seu ideal, poucos existem iguaes a Carmo Nacarato. E' um digno de figurar ao lado dos bons.

As tres francezinhas

(FIM)

simply delish", cheio de seducção como ella propria!...

O Conde de Ippleton, porém, ao ver o que elle chamava "loucura" de Larry, sente-se alarmado. Só o pensamento de que alguma d'aquellas francezinhas pudesse ingressar em sua nobre familia, o aterrava. Por isto resolve-se a conversar em particular com a francezinha. Propõe-lhe dar-lhe dinheiro, afim de que se afaste de Larry, e o deixe em paz. O caso, porém, é que em vez de pagar á Charmaine, a predileta de seu sobrinho, elle paga á Diane julgando-a ser Charmaine. Diane ladina acceita o dinheiro, e quando Charmaine vem a saber da "compra" que queria fazer o Conde, enfurece-se e ante o mesmo Conde, dá mostras de sua colera. Este fica boquiaberto ante Charmaine! Fulminado! Que pequena collosso! E "pirata", consola Charmaine, promettendo-lhe mil venturas entre as quaes montar-lhe na Rue de La Paix o *atelier* tão desejado pelas 3 pequenas. Partem para Paris, e pouco tempo depois temos Charmaine, Diane e Madelon, associadas a Owly e Yank chefiando um elegantissimo *atelier* onde se reune *tout Paris*. Apesar das deslumbrantes exposições que fazem, dos ultimos modelos da moda, sem duvida alguma a metade dos frequentadores do *atelier* lá vae sómente attrahida pelos encantos das 3 garotas.

Charmaine, porém, anda triste. Ella ama verdadeiramente o seu Larry.

O Conde de Ippleton, agora um de seus mais ardentes admiradores, louco pela graça picante de Charmaine, conta-lhe algumas cousas que a desilludem de Larry. Despeitada, ella acceita a proposta de casamento que lhe faz o Conde, radiante de alegria, julgando mesmo que Charmaine esqueceu seu sobrinho. Larry é quem mais soffre com isto, principalmente quando chega o dia das nupcias. Nesse dia fatal em que Charmaine se tornará Condessa de Ippleton, Larry não se contém e entra em acção. Procura Charmaine, e ella não pode negar que o ama. Larry cheio de felicidade, provoca, na hora da ceremonia, varios mal-entendidos curiosissimos, de maneira que ao *conjugo vobis* é elle o feliz par de Charmaine, a deliciosa francezinha dona de seu coração!

O Conde, naturalmente, conformou-se depois com o epilogo que teve a historia. Owly e Yank trataram quanto antes de se unir ás outras duas francezinhas que eram sua adoração: Diane e Madelon.

Winnie Lighter

BEN
E
BEBE

DIVORCIADA

(Continuação)

— Oh, Jerry!!!
Gritou-lhe elle, quando a viu.
— Afaste-se, Ted. Póde queimar-se...
— Não me beija?
— Amo-o. Por que não?
E offereceu-lhe friamente os labios.
— Cansou-se muito com a viagem?
— Mais ou menos. Cousas innuteis... Jantares e mais jantares... Carécas e mais carécas... Tudo muito cretino para mim que ansiava voltar para tel-a nos meus braços...
Deante delles, estava o almoço que ella preparara Ted procurou enlaçal-a, emquanto perguntava-lhe:
— Jerry, querida, por que não respondeu aos telegramas que eu lhe remetti?...
— Havia muita cousa a pensar, Ted, e quanto mais você esperasse, tanto mais você comprehenderia...
— Pois eu... O certo é, Jerry, que esperei outra recepção aqui, na minha chegada...
E fez um movimento para prendel-a mais de rijo ao encontro do seu peito. Ella, entre ambos, interpoz uma chicara com café.
— Você a derrama, Ted, cuidado!
Elle riu-se. Forçadamente. Depois continuou.
— Ha novidades?
— Ha. Helen e Bill casam-se hoje.
— Já sabia. Vamos?
— Esperam-nos, realmente. Foi, póde-se dizer, o nosso máu exemplo que os perverteu...
Ted sentiu todo o sarcasmo da phrase. Corou de raiva. Depois, mais calmo, perguntou.
— Por que fallou com tamanho sarcasmo?
— Você é um pandego, meu amigo.
— Bem, Jerry, acabemos com isto! o que ha?
— Dissesste um dia que a infidelidade não é nada de grave. Disse você isto para os dois sexos, Ted?...
A resposta era extemporanea. Ted ia responder. Quando percebeu o sentido, agarrou-a e perguntou-lhe, extremamente pallido:
— Você não me quererá dizer que...
— Quero. Era o que eu tinha a dizer. Empatei o jogo que a sua partida deixou a seu favor...
Elle teve a sensação de uma tremenda pancada sobre si.
— E quem foi o homem?
— Isso pouco importa. Você me deu muito que pensar a respeito da sua infidelidade. Agora pense um pouco na minha... Vou trabalhar. Encontro-me comtigo no casamento de Helen.
E sahiu. Elle ficou, totalmente chocado, totalmente embrutecido pelo choque. Era homem. Não podia acceitar e nem comprehender uma semelhante situação

———

Quando ella voltou para casa, elle não estava mais. Jerry vestiu-se e foi para o casamento de Helen. Depois de todas as formalidades do estylo, dansou-se. Jerry passou para os braços de um homem alto. Dansavam todos. Foi ahi que ella viu Ted. Tinha a roupa usual de trabalho e perfeitamente bebado. Quando a viu, avançou para ella. Num impulso rapido, empurrou para o lado o seu companheiro de dansa. Depois, emquanto o segurava com violencia, gritou-lhe:
— Você, seu rato branco, não me toca nesta pequena, entendeu?...
E arrumou-lhe tremendo socco.
Don e Bill apressaram-se e seguraram Ted.
Essa noite, quando ella voltou para casa, encontrou-o arrumando o que era seu e com uma expressão extranha e derrotada na physionomia.
— Hello, Ted!
Elle não respondeu, continuou arrumando. Jerry segurou-lhe num dos hombros e disse, numa phrase calma.
Não vamos terminar assim, vamos.
— Não?
— Você quer... Você quer ir, mesmo?
— Pouco importa que eu queira ou não queira, Jerry.
— Não é assim. E' justamente a unica cousa que importa... Se você estivesse enfarado de mim, Ted, não estaria tão abatido, não é exato?
Elle ficou sério. Depois respondeu.
— A culpa você a dá toda a mim, não é certo? Por que me enganar assim e amargurar assim? Cilada, não foi?
— Não, Ted, não foi. Se você procura outras mulheres, não é porque você esteja cansado de mim...
— Escute-me... Acha que sou o unico homem, no mundo, que...
Jerry interrompeu-o, rapidamente.
— Não falemos de homens e mulheres. Fazem todas as cousas imaginaveis e mesmo as incriveis... Temos que cuidar de nós, da nossa vida. Eu jámais faço aquillo que não lhe dê prazer. Não penso jámais em pessoa alguma.
Depois, fraquejando a voz, terminou:
— Esqueçamos tudo, Ted, eu o peço. Por que havemos de assim desgraçar nossas miseraveis vidas?
Chorou.
— Nunca fiz o que o contrariasse. Perdoe-me, querido! Não posso mais viver sózinha, sem os seus carinhos. Amo-o! Não ha nada a fazer senão confessar...
— Eu apenas queria saber, Jerry, qual dos meus amigos ou dos meus conhecidos é aquelle ou... são aquelles que se riem de mim, presentemente...
— Que se riem de você?... Vim para casa agora, Ted, atiro-me aos seus pés, quero tudo fazer para esquecer e ser perdoada e você me diz que tem a vaidade pisada?
— Chame isto como você quizer chamar.
— Não posso esquecer isso. Se não mereço a confiança, novamente...
Jerry teria dito mais se Ted não a houvesse tomado nos braços e agarrado com violencia.
— Pára!!! E' horrivel, entende?... Horrivel!!!
Jerry sentiu a violenta reacção. Aquelle homem pisara o seu amor proprio.
— Bem, é sufficiente. De agora para deante, Ted, escute bem você é o unico homem que não quero ver mais!!! Entendeu?...
— Jerry, o que está dizendo?
— Digo-lhe que um homem só não é sufficiente para servir de grades ás prisões de uma mulher. Agora basta: volte á sua Janice! Saia daqui! Saia daqui, vamos!!!
E poz-se a gritar, num tormento, até que Ted a deixou só. Depois cahiu numa prostação medonha e entregou-se a um choro convulso e extenuante que a poz mais nervosa e agitada do que nunca e que lhe trouxe uma formidavel enxaqueca.

———

Jerry divorciou-se Helen foi a primeira amiga que a felicitou.
— Bravos! Estás livre! Tanto quanto estavas antes do teu casamento...
— Tens razão. Eu já sei o que farei para esquecer...
— Isso! Eu ja fui uma ex-esposa. Sei dizer o que é isso.. E, além disso, os homens são os tremendos araras..

———

A vida de Jerry precipitou-se, dahi para deante. A propria Helen dava-lhe conselhos. Ella cumpria a promessa que fizera a Ted e procurava a amisade de muitos homens para esquecer.
— Jerry. Você não póde continuar assim, filha! Que vida! Tomando café sem assucar para insomnia e veronal para dormir... Você se está assassinando, entende?

(Continúa na pagina 34

Tesourando os nossos artistas...

(FIM)

mano, e que não quer mais figurar nos films. Sempre acanhada, silenciosa e triste.

E' delicada, cheia de etiqueta e de modestia. Distinctissima. Sensivel ao extremo.

Diva Tosca, a linda estrellinha de "A's armas". E mimosa, pequenina, sentimental e romantica como ella só! Tem mania pela dansa, pelas flores e pelos perfumes. E tambem interpretar na tela, papeis de garotas modernas, ardentes e malucas...

Olga Breno, a moreninha que é estrella de "Limite".

Gosta muito de joias. Sua mania, e forte, é seguir a moda em todas as suas mudanças e originalidades. Usar perfumes bastante perfumes, dos mais finos dos mais inebriantes é outra mania sua. Outra ainda é empregar sempre a palavra "formidavel", em conversa, e para tudo.

Yolanda Bernardi, isto é a Taciana Rei de "Limite" E' uma garotinha levada, bonitinha e interessante. Agradavel como ella só. Tem o habito de andar sempre sorridente. E tem mania pela dansa classica e rythmica.

Leda Lea, a pequena acreana que apparece em "Mulher"... E' a pequena cujo corpo cresceu, tornou-se mulher, mas cujo espirito ficou sempre garoto.

E' sempre estouvada, sem ligar importancia á nada, nada levando á serio, excepto o amor...

Leda Lea que tem um geitinho de boneca fugida da loja, tem a mania de brigar sempre com as amigas, e mudal-as constantemente.

Irene Rudner, a estrellinha de tantos films paulistas e que agora faz "Anchieta, entre o amor e a religião" é uma garotinha interessante e bonitinha. Tem grande força de vontade. Gosta de usar cores claras nas "toilettes". E tambem usar boinas. Sua principal mania é tirar retratos.

E tambem muitissimo dos "sports" particularmente do remo. Tem loucura por creanças.

Ernani Augusto, de "Meu primeiro amor" que reapparecerá em "Mulher"...

Quer ser assistente de director, e anda sempre se atrazando em tudo. Tem a apparencia sempre triste e de quem anda aborrecido. Mas é um optimo rapaz.

Tem a mania de não ser aquillo que seu typo suggere, isto é, não quer ser romantico, mas sim pratico e moderno. Tem o habito de falar com tal rapidez e de tal maneira que poucos o comprehendem. Gosta de usar gravatas, das mais modernas e elegantes. Tem o costume de não sahir de casa aos domingos. Por que? Ora, habito...

Acha as mulheres incomprehensiveis, mas não póde viver longe dellas. Certamente estuda-as bem para chegar a comprehendel-as!...

Decio Murillo, que fará "Preço de um prazer", é um rapaz sympathico e agradavel. Tem sempre uma "ultima" para contar. Sua mania é andar elegante, e irreprehensivel. Está sempre impressionado em manter imperturbavel esta elegancia, e principalmente o friso da calça. De tanto cuidado, acaba é desmanchando-o mesmo...

Carlos Eugenio, a collaboração do Paraná para o Cinema Brasileiro. E' um rapaz distincto, delicado e agradavel tambem. Tem um bom papel em "Mulher"...

E' discreto, modesto e gosta do silencio. Elogia a todos. E tem gostos differentes dos outros. Aprecia as roupas de cor cinzenta, e tem a mania de andar sempre desenhando qualquer cousa.

Maximo Serrano, o eterno sentimental e ingenuo dos films. Em "Mulher"... onde figura, tambem o será. E' acanhado, modesto, triste e calado. Quer ser "cameraman". Anda sempre desarrumado e comendo em filmagem.

Pensativo, que até parece apaixonado... Gosta de nadar, e ultimamente anda com a mania de ler livros de Pittigrili...

Nilo Fortes, de "A's armas", de S. Paulo. E' dentista. Um rapaz prestativo, jovial, brincalhão e nada levando á serio. Gosta de pregar peças nos companheiros. Tem a mania de colleccionar retratos de suas pequenas e guardar como reliquias, as flores que ellas lhe dão...

Bem ao contrario de Nilo é Flavio Lins que tambem trabalhou em "A's armas!" e que agora está no Rio. Flavio é um rapaz quieto tudo tratando com seriedade e gravidade.

Humberto Mauro, que apesar de ser director, é tambem artista. Tem um impressionante papel em "Mulher"...

CHAPEOS PARA SENHORAS
ARTIGOS PARA MODISTAS
MEIAS SALLY NOVIDADES
Bordados e Ajour
Plissés e Botões
45 - Rua Gonçalves Dias - 45
Tel. 2-3548 RIO DE JANEIRO

Agua de Colonia
"FLORIL"
De pureza absoluta, seu aroma arrebatador transcende e perdura.
Supera a todas sem se parecer com nenhuma.
E' a Agua de Colonia ideal para fricções, para o banho e para o lenço, deixando uma sensação inconfundivel de frescura e distincção.

Humberto é retrahido, anda sempre desarrumado. E' energico, e tem piadas formidaveis, no emtanto!

Cléo de Verberena, de "Mysterio do dominó preto". Figura cheia de distincção e interesse. E' vaidosa, e gosta de andar sempre "chic". Tem a mania de trazer sempre comsigo, no vestido, uma camélia perfumada e bonita. Tem outra mania curiosissima. E' colleccionar retratos de artistas de Cinema.

Augusta Guimarães, "D. Perpetua", de "Labios sem beijos". E' artista de Theatro, mas louca por Cinema.

A sua principal originalidade é não ter superstições, cousa tão commum entre artistas de theatro.

Outra originalidade sua é que sendo nascida na Africa Portugueza, creada na Ilha da Madeira, fala o portuguez, sem sotaque algum, como uma genuina brasileira.

Celso Montenegro, que já foi "Leoncio", e que breve reapparecerá em "Mulher"... e rapaz distinctissimo, e figura elegante. Celso é destes em quem poucas manias se encontram. Comtudo, analyzando-se bem, mesmo, póde-se notar alguma cousa. Que elle é do... amor, por exemplo! Que não gosta de entrevistas e detesta futilidades. Que é supersticioso. E dorminhoco a valer!

Celso é possuidor de uma modestia, como bem poucos imaginam. Tem o habito enraizado de só fumar charutos.

Paulo Morano, a revelação de "Labios sem beijos". Rapaz agradavel e prestativo que todos apreciam Divertidissimo e camarada como poucos.

Sua principal mania é andar contando sempre uma anecdota. Paulo tem-nas gosadissimas! Faria até o Buster Keaton perder a seriedade. Jovial com ninguem, dá a vida onde appareça com suas piadas esplendidas. E ninguem escapa de suas peças, cheias de espirito!

Luiz Sorôa, que em "Mulher"... vae reapparecer numa caracterização original tem o habito de andar sempre apressado, e tambem sempre consultando umas notinhas e uns apontamentos "encrencados".

Luizb gosta de visitar museus, e tambem das leituras profundas e fortes. Tem um modo de falar rapido e interessante. E tem tambem uns cacuetes não menos cuosos.

Milton Marinho, que foi Milton Dartel no tempo da "Idade das Illusões" e agora está em "Mulher"... Se vocês por acaso ouvirem em qualquer logar, uma voz de trovão cantando o **Se você jurar**.. podem ter certeza que é o Milton que anda proximo! E' uma mania que elle tem! Outra tambem, é andar sem chapéo. E outra ainda é quando está alegre, quer communicar a todos esta alegria, quer que todos participem della. Milton goston gosta da publicidade e de trabalhar com bastante espectadores!

Cabellos brancos?!

SIGNAL DE VELHICE

A Loção Brilhante faz voltar a côr natural primitiva (castanha, loura, doirada ou negra) em pouco tempo. Não é tintura. Não mancha e não suja. O seu uso é limpo, facil e agradavel.

A Loção Brilhante é uma formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujo segredo custou 200 contos de réis.

A Loção Brilhante extingue as caspas, o prurido, a seborrhéa e todas as affecções parasitarias do cabello, assim como combate a calvicie, revitalizando as raizes capillares. Foi approvada pelo Departamento Nacional da Saude Publica, e é recommendada pelos principaes Institutos de Hygiene do estrangeiro.

Ronaldo de Alencar que faz **Iracema** para a Metropole, gosta muito de sports, do canto e possue uma voz esplendida. Tem a mania de julgar tudo o que faz mal feito...

Raul Shnoor, de **Religião do amor**, e **Limite**, ultimamente. E' alto, musculoso, athletico. E' dos "sports", mesmo. E tambem dos negocios. Tem paixão pelo Cinema russo e pelos papeis realistas.

Pedro Fantol, de **Braza dormida**, e **Sangue mineiro**, E' engenheiro, e rapaz distinctissimo. Não póde estar inactivo, porque sente-se mal. Sua mania é sua granja, e tambem sua motocycleta com a qual faz proezas innumeras!

Alfredo Rosario, o titio de Lelita em **Labios sem beijos**, tem o habito de ir ao Cinema, sómente á noite. E assim por deante. Todos elles tem as suas manias como qualquer outro ser humano. Porque elles tambem o são. E as principaes dellas ahi estão, para os "fans". Algumas elles mesmo nos contaram, outras nós mesmos observámos... Mas quem não sabe que a verdadeira mania delles todos, e mania furiosa, é o Cinema, principalmente o Cinema Brasileiro?!

Karl Freund, operador dos mais notaveis que a Allemanha teve e actualmente na Universal, teve um novo contracto, pelo qual até opportunidades para dirigir terá.

+ + +

Darryl F. Zanuck assignou novo contracto com a Warner Bros., por cinco annos.

+ + +

A Vida é Boa, um dos ultimos films de Pudovkine para a Russia, foi estreado na Allemanha, em Março.

+ + +

O corredor Charles Paddock, ha dias, foi contractado pela Universal para uma série de films. Para manter o seu titulo de amador, Paddock não recebe nada pelos films. Isto é: não recebe, para todos os effeitos... de publicidade!

+ + +

A producção geral americana, para 1932, é a seguinte, devidamente dividida entre as fabricas: Paramount, 75 films; United Artistes, 21 RKO, 36 e Pathé 21; Warner Bros., 35 e First National, 35; Universal, 26; Tiffany, 30; M. G. M., 52; Fox, 49; Columbia, 28; Sono Art-World Wide, 20; Raytone, 28.

DIVORCIADA

(FIM)

— E por que não?

Homens e mais homens fizeram paradas ás portas do seu carinho. Ella tirou delles o que quiz e não lhes deu mais que illusões. Um dia, quando ia a caminho de Montreal, para se divertir, tornou a se encontrar com Paul. Elle ainda a queria. Não morrera, nelle, aquelle sentimento atroz que o fizera produzir a catastrophe toda que já narramos. E, dali para deante, aquella amisade assim revivida, creou forças que Jerry e Paul não teriam mesmo imaginado. Dorothy ainda era a esposa delle. O seu casamento, como elle explicava, não havia passado de uma ironia sarcastica da sorte contra elle. Dorothy tinha obsecação pela sua desfiguração e por isso jamais esquecia o incidente. Não era esposa! Elle propoz a Jerry que passassem alguns mezes a sós, no seu navio e Jerry acceitou. O amor que ella começou a sentir por Paul, foi uma cousa na qual não cria possivel, mais que se ia fazendo realidade.

Os mezes voaram. A companhia á qual elle pertencia offereceu-lhe, certa vez, uma collocação de grande vantagem, no Japão, com muito maior salario e muito maiores possibilidades de grande exito. Elle, que não podia abandonar Jerry, propoz á ella que esperasse pelo seu divorcio de Dorothy. Ella, que nada via senão a perspectiva de felicidade que lhe offerecia aquelle homem, concordou.

MIN. EDUCAÇÃO E CULTURA
INST. NAC. CINEMA

No seu appartamento, aquella tarde, esperava ella a resposta que Paul lhe traria, depois da conversa que ia ter com a esposa, quando Helen telephonou. Ella e Bill haviam estado em lua de mel em Paris e de lá trazia ella noticias de Ted.

— Anda sempre bebedo! Miseravelmente bebedo e desgraçado! Morre e não demora muito, querida...

Foi o punhal que veiu certeiro ao coração de Jerry. Ella não sabia porque, mas aquelle homem ainda era a adoração da sua vida. Paul, nada mais era e nem fôra do que um grande amigo, naquella sua situação desgraçada um méro palliativo para suas dores de alma incuraveis...

Mal acabara Helen de telephonar, soou a campainha da porta e Jerry foi abrir. Era Dorothy, debaixo de um espesso véo negro, deante della como se fosse um phantasma. Depois que se saudaram, sentaram-se para conversar

— Só cinco minutos, Jerry. Eu precisava vel-a.

Ia dizer mais, quando Paul entrou.

Parou deante de Dorothy, surpreso e passado. Ella continuou falando.

— Meu casamento é minha vida, Jerry. Posso não valer nada para Paul, mas o meu casamento é a unica razão que me prende á vida.

— Ouça:

Interveiu Paul.

— Não a quero abandonar, Dot! Eu apenas queria... E o que achas?

Antes que a esposa respondesse, Jerry respondeu por ella.

— Dot tem razão, Paul. Não poderiamos ser felizes se fizessemos isso com ella. Dot casou-se com o homem que sempre amara. Eu tambem. Ella, agora, procura segural-o. Eu não o fiz: expulsei-o... Eu sempre tive o que ella não teve. De joelhos ella nos pede que não lhe roubemos a felicidade. Por que o faremos? Dot, socega. O marido é teu. Mostraste-me, agora, o erro tremendo que eu ia commetter. Ted precisa de mim. Eu preciso delle. Vou procural-o!!!

Na noite de Anno Bom, em Paris, Jerry encontrou Ted. Estava num cabaret ordinario e não dansava: bebia. As palavras que trocaram foram poucas. Os beijos tomaram todo o tempo e a ardencia daquelles carinhos queimaram, mais que sufficientemente, toda a magua do passado que ficou sendo apenas cinza.

(Descripção especial para CINEARTE)

ASTHMA

O Remedio Reyngate para o tratamento radical da Asthma, Dyspnéas, Influenza, Defluxos, Bronchites, Catarrhaes, Tosses rebeldes, Cansaço, Chiados do Peito, Suffocações, é um MEDICAMENTO de valor, composto exclusivamente de vegetaes.

E' liquido e tomam-se trinta gottas em agua assucarada, pela manhã, ao meio-dia e á noite, ao deitar-se. VIDE os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontra-se á venda nas principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e PERFUMARIAS DO BRASIL.

☛ AVISO — Preço de um vidro 12$; pelo Correio registrado, 15$000. Envia-se para qualquer parte do Brasil mediante a remessa da importancia em carta com o VALOR DECLARADO ao Agente Geral J. DE CARVALHO — Caixa Postal n. 1724 — Rio de Janeiro.

MARROCOS

(Continuação)

— Lady Sahib precisa descançar. Offereço minha modesta casa e meus prestimos todos.

— Desculpe e obrigado, mas não posso ficar. Onde mais ha aqui um...

— Lady Sahib, vá a Marrocos. Amanhã ha trem. Para hoje é muito tarde. Procure, lá, Sahib Lo Tinto. Elle tem um grande café e muito trabalho para si, com certeza.

Ella o ouviu e persuadiu-se rapidamente da razão que elle tinha. Passou a noite ali mesmo. Na manhã seguinte, tomou o trem que a conduziu para Marrocos. Gastou com a passagem o restante do seu dinheiro. Apenas cinco centimos sobraram para qualquer cousa de ultima hora. Pelas quatro horas daquelle mesmo dia, tinha chegado á um accordo com Lo Tinto, um caréca gordo e sentimental, proprietario do melhor café de Marrocos e italiano.

— Qual é o seu nome?

Perguntou Lo Tinto, procurando sem o querer, disfarçar o grande contentamento que sentia com aquella acquizição. Ouvira-a cantar, vira-a dansar. Intimamente felicitara-se a si proprio...

— Amy Jolly.

Respondeu ella.

— Bien, Amy. Volte daqui ha uma hora, sim. Vamos amanhã comprar roupas para você dansar. Ahi é que poderemos ver se meu publico quer bem a você. Para esta noite é preciso que se vista com qualquer cousa suggestiva, sabe? Eu procurarei encontrar. Que costumes você usava?

— Roupas de Pierrot para um bailado ou outro. Ou roupas de homens, mesmo, que ás vezes tambem usava.

— Bien! Vamos ver se servem á você as roupas daquelle cão que me deixou a semana passada sem me pagar...

Percorreram algumas salas, até chegarem a uma dellas, bem mobiliada, que Lo Tinto apresentou a Amy como se fosse seu provisorio vestiario.

— Agora vou buscar-lhe a roupa.

Experimentaram, depois, a roupa que Lo Tinto foi buscar. Servia.

— Bien! Bien! Esteja aqui ás seis. Quero que você cante — aquella canção que cantou para mim — com orchestra e tudo para vermos. Mas ainda tenho outras que você aprenderá depressa e que são realmente lindas. Agora vá descansar, sim. Esteja aqui ás seis, não se esqueça!

— Para onde vou? Aqui não conheço absolutamente ninguem...

Esquecia-me disso... Bem... Póde ficar onde ficam as que trabalham commigo. Ali pagará pouco. Apenas um pequeno desconto no seu ordenado. Pode ir para lá: 102, Rua de Ali Hassan. E' um trecho da rua bem frequentado, garanto, apesar de toda ella ser duvidosa. Eu lhe darei a chave de lá.

Desappareceu e voltou, depois, com uma chave. Na chapinha da mesma leu o endereço. Lo Tinto recommendou-lhe que não se enganasse nas ruas e voltasse á hora marcada. Elle tinha a certeza de ter feito um bom negocio...

(Continúa)

OBESIDADE

Tratamento novo e efficaz pelos

Banhos de Parafina

Dr. PIRES REBELLO

(Dos hosp. Berlim, Paris e Vienna)

Av. Rio Branco, 104 - 1.º andar

Em cada banho perde-se um a dois kilos e com a vantagem da pessoa emmagrecer, caso queira, sómente nos logares onde desejar : ventre, seios, cadeiras, braços, etc,

GRATIS!!!

Dr. Pires Rebello — Avenida Rio Branco, 104, 1º — Rio.

Queira enviar-me o livro: "O novo tratamento da obesidade pelos famosos banhos de parafina."

Nome .. ..

Rua .. .. *N*. .. ..

Cidade e Estado .. ..

GRETA GARBO
CINEARTE

VINOVITA

RESTAURADOR
DAS FORÇAS
PHYSICAS
E MENTAES
VINHO DA VIDA
TONICO
VINOVITA
VINHO DA VIDA
FORMULA DO
Dr. GONÇALVES JUNIOR
RESTAURADOR DAS FORÇAS
PHYSICAS E MENTAES
DÁ VIDA AO SANGUE
ESTIMULA O CEREBRO
DÁ ENERGIA AOS MUSCULOS